

ITINERÁRIOS CATECUMENAIIS
PARA A VIDA MATRIMONIAL

© 2022 – Amministrazione del Patrimonio della Sede Apostolica
e Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana – Città del Vaticano –
All rights reserved International Copyright handled by Libreria Editrice Vaticana
00120 Città del Vaticano

Tel. 06.698.45780

E-mail: commerciale.lev@spc.va

ISBN 978-88-266-0774-0

www.vatican.va

www.libreriaeditricevaticana.va

DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA

**ITINERÁRIOS
CATECUMENAIIS
PARA A
VIDA MATRIMONIAL**

Orientações pastorais para as Igrejas particulares

Prefácio do papa Francisco



LIBRERIA
EDITRICE
VATICANA

PREFÁCIO DO SANTO PADRE FRANCISCO

“O anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia” (*Amoris laetitia*, 1). Esta afirmação da *relatio finalis* do Sínodo dos Bispos sobre a família bem merecia abrir a Exortação Apostólica *Amoris laetitia*, posto que a Igreja, em todos os tempos, é chamada a anunciar novamente, principalmente aos jovens, a beleza e a abundância de graça contidas no sacramento do matrimônio e na vida familiar que dele deriva. Cinco anos após a sua publicação, o Ano “Família *Amoris laetitia*” pretendia colocar a família de novo no centro, convidar à reflexão sobre os temas da Exortação Apostólica, e animar toda a Igreja no alegre compromisso de evangelização para as famílias e com as famílias.

Um dos frutos desse Ano especial são os “Itinerários catecumenais para a vida matrimonial”, que agora tenho o prazer de entregar aos pastores, aos cônjuges e a todos os que trabalham na pastoral familiar. Trata-se de uma ferramenta pastoral preparada pelo *Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida* que segue uma indicação que tenho expressado repetidamente, ou seja, “a necessidade de um ‘novo catecumenato’ em preparação para o matrimônio”; com efeito, “é urgente atuar concretamente aquilo que já foi proposto na *Familiaris consortio* (cf. n. 66), ou seja, que assim como para o batismo dos adultos o catecumenato faz parte do processo sacramental, também a preparação para o matrimônio se torne uma parte integrante de todo o procedimento sacramental do casamento, como antídoto que impede o multiplicar-se de celebrações matrimoniais nulas ou então inconsistentes.” (*Discurso no tribunal da Rota Romana*, 21 de janeiro de 2017).

Aqui surgiu, sem margem para dúvida, foi a séria preocupação com o fato de que, com uma preparação de-

masiado superficial, os casais deparam-se com o risco real de celebrarem um casamento nulo ou com bases tão frágeis que desmorone em pouco tempo e não consiga resistir sequer às primeiras e inevitáveis crises. Estes fracassos trazem em si grandes sofrimentos e deixam feridas profundas nas pessoas, que ficam decepcionadas, amarguradas e, nos casos mais dolorosos, acabam por não acreditar mais na vocação ao amor, inscrita pelo próprio Deus no coração do ser humano. Existe, pois, antes de tudo, um dever de acompanhar responsabilmente aqueles que expressam a intenção de se unirem no matrimônio, para que sejam preservados dos traumas da separação e nunca percam a fé no amor.

Mas existe também um sentimento de justiça, que nos deveria animar. A Igreja é uma mãe, e uma mãe não tem preferências entre os filhos. Não os trata de forma desigual, mas dedica a todos o mesmo cuidado, a mesma atenção, o mesmo tempo. Dedicar tempo é sinal de amor: se não dedicarmos tempo a uma pessoa, é sinal de que não a amamos. É algo que me vem muitas vezes à mente quando penso que a Igreja dedica muito tempo, anos, à preparação dos candidatos ao sacerdócio ou à vida religiosa, mas tão pouco tempo, não mais do que algumas semanas, aos que se preparam para o matrimônio. Assim como os sacerdotes e os consagrados, os cônjuges também são filhos da Mãe Igreja, e uma diferença tão grande de tratamento não é justa. Os casais constituem a grande maioria dos fiéis, e com frequência são verdadeiros pilares nas paróquias, nos grupos de voluntariado, nas associações, nos movimentos. São verdadeiros “guardiães da vida”, não só porque geram os filhos e os acompanham no seu crescimento, mas também porque cuidam dos idosos da família, dedicam-se ao serviço das pessoas com deficiência e geralmente com as muitas situações de pobreza com que entram em contato. É das famílias que nascem as vocações ao sacerdócio e à vida

consagrada; são elas que constituem o tecido da sociedade e “remendam os rasgos” com a paciência e os sacrifícios do dia-a-dia. Logo, é um dever de justiça para a Mãe Igreja dedicar tempo e energia à preparação daqueles que o Senhor chama a uma missão tão grande como a família.

Por isso, a fim de concretizar essa urgente necessidade, “recomendei que se ponha em prática um verdadeiro catecumenato dos futuros nubentes, incluindo todas as etapas do caminho sacramental: as fases de preparação para o matrimônio, da sua celebração e dos anos imediatamente sucessivos” (Francisco, *Discurso aos participantes no curso sobre o novo processo matrimonial*, 25 de fevereiro de 2017). Esta é a proposta do documento que aqui apresento, e pelo qual sou grato. Articula-se em três fases: a preparação ao matrimônio (remota, próxima e imediata), a celebração do casamento, e o acompanhamento dos primeiros anos de vida conjugal. Como vereis, trata-se de percorrer um importante trecho de estrada junto com os casais no seu caminho de vida, mesmo depois da cerimônia, principalmente quando atravessarem crises e momentos de desânimo. Desta forma, tentaremos ser fiéis à Igreja, que é mãe, mestra e companheira de viagem, sempre ao nosso lado.

É meu ardente desejo que este primeiro Documento venha seguido quanto antes por um outro, no qual se indiquem modalidades pastorais concretas e possíveis itinerários de acompanhamento dedicados especificamente para os casais que experimentaram um fracasso do seu casamento e que vivem numa nova união ou casaram-se civilmente. A Igreja, com efeito, deseja estar próxima desses casais e percorrer também com eles a *via caritatis* (cf. *Amoris laetitia*, 306), de modo que não se sintam abandonados e possam encontrar na comunidade espaços acessíveis e fraternos de acolhida, de ajuda ao discernimento e de participação. Este primeiro documento, aqui apresentado, é um

dom e uma tarefa. É um dom, porque coloca à disposição de todos um material abundante e estimulante, fruto da reflexão e de experiências pastorais já colocadas em prática em várias dioceses/eparquias do mundo. E é também uma tarefa, porque não contém “fórmulas mágicas” que funcionam automaticamente. É uma roupa que deve ser “feita sob medida” para as pessoas que a vestirão. Trata-se, com efeito, de orientações que pedem para serem recebidas, adaptadas e colocadas em prática nas situações sociais, culturais e eclesiais concretas em que cada Igreja particular se encontra. Apelo, portanto, à docilidade, ao zelo e à criatividade dos pastores da Igreja e dos seus colaboradores, para tornar mais eficaz essa vital e irrenunciável obra de formação, de anúncio e de acompanhamento das famílias, que o Espírito Santo nos pede para realizar neste momento.

“Nada do que vos pudesse ser útil eu negligencieei de anunciar-vos e ensinar-vos” (At 20, 20). Convido todos os que trabalham na pastoral familiar a fazerem suas estas palavras do apóstolo Paulo e a não desanimarem diante de uma responsabilidade que pode parecer difícil, exigente, ou até mesmo além das suas próprias possibilidades. Coragem! Começemos a dar os primeiros passos! Iniciemos processos de renovação pastoral! Coloquemos a mente e o coração a serviço das futuras famílias, e garanto-vos que o Senhor nos sustentará, que nos dará sabedoria e força, fará crescer em todos nós o entusiasmo e, principalmente, nos fará experimentar “a doce e reconfortante alegria de evangelizar” (*Evangelii gaudium*, 9), enquanto anunciamos às novas gerações o Evangelho da família.

Francisco

PREÂMBULO

A proposta do Santo Padre Francisco de um “catecumenato matrimonial”

1. O Santo Padre Francisco a expressou, em diversas ocasiões, a sua preocupação para que no seio da Igreja haja uma melhor e mais profunda preparação dos jovens casais para o casamento, insistindo na necessidade de um itinerário relativamente amplo, inspirado no catecumenato baptismal, que lhes permita viverem mais conscientemente o sacramento do Matrimônio, a partir de uma experiência de fé e de encontro com Jesus.¹

2. O presente documento, retomando o que já foi exposto sobre o tema num documento do então Pontifício Conselho para a Família,²² deseja ser uma resposta a esta preocupação do Santo Padre e uma ajuda para as Igrejas particulares pensarem ou repensarem os seus caminhos de preparação para o sacramento do Matrimônio e de acompanhamento dos primeiros anos de vida matrimonial. Es-

¹ “Sinto que devo reiterar a necessidade de um ‘novo catecumenato’ em preparação para o casamento. Acolhendo os votos dos Padres do último Sínodo Ordinário, é urgente atuar concretamente aquilo que já foi proposto na *Familiaris consortio* (cf. n. 66), ou seja, que assim como para o batismo dos adultos o catecumenato faz parte do processo sacramental, também a preparação para o matrimônio se torne uma parte integrante de todo o procedimento sacramental do casamento, como antídoto que impede o multiplicar-se de celebrações matrimoniais nulas ou então inconsistentes” (Francisco, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 21 de janeiro de 2017; cf. também *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 29 de janeiro de 2018; *Amoris laetitia*, 205-211).

² PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Preparação para o sacramento do Matrimônio*, 13 de maio de 1996.

tas “orientações pastorais” não devem ser entendidas como um “curso de noivos” completo e estruturado, na forma e no conteúdo, pronto para ser usado na pastoral familiar ordinária. O objetivo, na verdade, é expor alguns princípios gerais e uma proposta pastoral concreta e completa, que cada Igreja local é convidada a levar em consideração na elaboração do seu próprio itinerário catecumenal para a vida matrimonial, respondendo, assim, de modo criativo ao apelo do Papa.³

3. A situação atual requer um compromisso pastoral renovado para reforçar a preparação para o sacramento do Matrimônio nas dioceses/eparquias e nas paróquias de todos os continentes. O número cada vez menor de pessoas que se casam, mas também – e principalmente – a curta duração dos casamentos, mesmo os sacramentais, assim como a validade dos casamentos celebrados constituem um desafio urgente, que põe em risco a realização e a felicidade de muitos fiéis leigos no mundo. Na raiz de muitas das dificuldades por que passam as famílias, existe uma evidente fragilidade do matrimônio, causada, por sua vez, por uma série de fatores, entre os quais: a mentalidade hedonista que distorce a beleza e a profundidade da sexualidade humana, a autorreferencialidade que torna difícil assumir os compromissos da vida matrimonial, uma compreensão limitada do dom do sacramento do matrimônio, do significado do amor esponsal e do fato de ser uma verdadeira vocação, isto é, uma resposta a uma chamada de Deus ao homem e à mulher, etc. A preocupação que a Igreja-mãe sente com relação a estes filhos seus, necessitados

³ “As diferentes comunidades é que deverão elaborar propostas mais práticas e eficazes, que tenham em conta tanto a doutrina da Igreja como as necessidades e desafios locais.” (*Amoris laetitia*, 199).

de ajuda e de orientação, deve levar a investir novas energias em favor dos casais, “a fim de que a sua experiência de amor possa tornar-se um sacramento, um sinal eficaz da salvação”.⁴

⁴ FRANCISCO, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 21 de janeiro de 2017.

I.

INDICAÇÕES GERAIS

Por que um catecumenato

4. A ideia de construir *Itinerários catecumenais para o casamento* não é nova na reflexão eclesial.¹ Depois dos dois Sínodos sobre a família em 2014 e 2015, o Papa Francisco lançou essa proposta por diversas vezes no seu magistério ordinário, e ela foi pouco a pouco tomando forma na sua reflexão pastoral, delineando percursos renovados de acompanhamento do matrimônio.²

5. Na Igreja antiga – segundo a comum convicção dos Padres – uma clara orientação de vida cristã devia preceder a celebração do sacramento. “Deve-se primeiro tornar-se discípulo do Senhor e depois ser admitido ao santo

¹ A expressão aparece em diversos estudos sobre o tema, entre os quais F. Coudreau, *Verkündigung und Glaube. Festgabe für F.X. Arnold*, Freiburg 1958 e B. Häring, *Sociologia della famiglia*, Roma 1962. A partir dos anos 60, algumas conferências episcopais também a propuseram em alguns documentos nacionais e regionais. Além disso, a Exortação Apostólica *Familiaris consortio*, a partir da analogia com o catecumenato batismal, já marca as etapas do itinerário da preparação para o matrimônio: remota, próxima, imediata e posterior acompanhamento dos esposos (cf. n. 66).

² “Já tive a oportunidade recomendar o compromisso de um catecumenato matrimonial, no sentido de um itinerário indispensável dos jovens e dos casais destinado a fazer reviver a sua consciência cristã, apoiada pela graça dos dois sacramentos, batismo e matrimônio. Como afirmei outras vezes, o catecumenato é em si único, por ser batismal, isto é, radicado no batismo, e ao mesmo tempo na vida, necessita do caráter permanente, sendo permanente a graça do sacramento matrimonial” (FRANCISCO, *Discurso por ocasião da inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 29 de janeiro de 2018).

Batismo”, afirma São Basílio.³ Os sinais seguros de uma nova orientação de vida eram a fé e a conversão. O catecumenato antigo era, com efeito, o período em que se formavam os candidatos ao Batismo, alimentando-lhes a fé e encorajando-os à conversão. A fé abria o coração e a mente a Deus e à obra de salvação de Jesus Cristo, a conversão visava corrigir comportamentos, hábitos e práticas de vida incompatíveis com a nova vida cristã que os catecúmenos se preparavam para abraçar.

De modo análogo ao que se fazia para o Batismo na Igreja antiga, uma formação para a fé e um acompanhamento para a aquisição de um estilo de vida cristão, especificamente dirigido aos casais, seria de grande ajuda hoje, com vistas à celebração do matrimônio.⁴ O catecumenato, com efeito, pode inspirar novos caminhos de renovação da fé em qualquer época porque propõe um modelo de acompanhamento das pessoas – pedagógico, gradual, ritualizado – que guarda sempre a sua eficácia. O catecumenato matrimonial, em particular, não pretende ser uma mera catequese, nem transmitir uma doutrina, mas visa fazer ressoar entre os casais o mistério da graça sacramental, que lhes pertence em virtude do sacramento: fazer com que a presença de Cristo viva com eles e entre eles.⁵ Por isso é

³ Basílio de Cesareia, *De baptismo* I,1.

⁴ “É necessário [...] tornar cada vez mais eficazes os itinerários de preparação para o sacramento do matrimônio, para o crescimento não somente humano, mas sobretudo da fé dos noivos. A finalidade fundamental dos encontros consiste em ajudar os noivos a realizar uma inserção gradual no mistério de Cristo, na Igreja e com a Igreja. Isto comporta um amadurecimento progressivo na fé, através do anúncio da Palavra de Deus, da adesão e do seguimento generoso de Cristo” (Francisco, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 21 de janeiro de 2017).

⁵ “Deus, que de fato, chamou os esposos ‘ao’ matrimônio, continua a chamá-los ‘no’ matrimônio” (*Familiaris consortio*, 51).

necessário, para formar os que pretendem casar-se, superar um estilo de formação apenas intelectual, teórica e geral (uma alfabetização religiosa). É preciso percorrer com eles a estrada que os leve a ter um encontro com Cristo, ou a aprofundar essa relação, e fazer um autêntico discernimento da sua própria vocação nupcial, tanto do ponto de vista pessoal que do casal.⁶

A quem cabe essa tarefa

6. A elaboração de um itinerário de preparação ao matrimônio de tipo catecumenal e o acompanhamento concreto dos casais ao longo desse percurso são uma tarefa que toda a comunidade eclesial, um caminho partilhado entre sacerdotes, esposos cristãos, religiosos e agentes pastorais, que devem colaborar entre eles e em acordo com o seu bispo. O matrimônio não é apenas um fato social, mas, para os cristãos, é um fato “eclesial”. Assim, toda a Igreja, como Corpo de Cristo, responsabiliza-se por ele e sente a necessidade de se colocar ao serviço das futuras famílias.⁷

7. A convicção de base deve ser, tanto para os casais que se preparam para o casamento quanto para os agen-

⁶ “Não se trata de lhes ministrar o Catecismo inteiro nem de os saturar com demasiados temas, sendo válido também aqui que ‘não é o muito saber que enche e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear interiormente as coisas’. Interessa mais a qualidade do que a quantidade, devendo-se dar prioridade – juntamente com um renovado anúncio do querigma – àqueles conteúdos que, comunicados de forma atraente e cordial, os ajudem a comprometer-se num percurso da vida toda ‘com ânimo grande e liberalidade’.” (*Amoris laetitia*, 207).

⁷ “A comunidade cristã é chamada a envolver-se na preparação dos noivos ao matrimônio, que é uma missão eclesial. Os esposos podem contribuir para renovar o próprio tecido de todo o corpo eclesial” (cf. *Amoris laetitia*, 207).

tes pastorais que os acompanham, é que o matrimônio não é um ponto de chegada: é uma vocação, é um caminho de santidade que abrange toda a vida das pessoas.⁸ Além disso, em razão da própria participação no sacerdócio profético e real de Cristo, os fiéis leigos também recebem no sacramento do matrimônio uma missão eclesial específica, para a qual devem ser preparados e acompanhados.⁹ Assim, pois, a Igreja tem o cuidado de preparar da melhor forma possível os sacerdotes e religiosos para a vivência da sua vocação, dedicando-lhes longos anos de formação, da mesma forma é a missão da Igreja preparar adequadamente os fiéis leigos que se sintam chamados a acolherem a vocação matrimonial e a perseverarem nela por toda a vida, cumprindo a missão que lhes é própria.¹⁰ O sacramento da Ordem, a consagração religiosa e o sacramento do Matrimônio merecem todos o mesmo cuidado, porque o Senhor chama com a mesma intensidade e com o mesmo amor homens e mulheres a uma vocação ou a outra.

8. Para levar a cabo de maneira eficaz uma renovada pastoral da vida conjugal, é indispensável, hoje, que tanto os casais de acompanhadores, nas paróquias e movimen-

⁸ “[...] que os noivos não considerem o matrimônio como o fim do caminho, mas o assumam como uma vocação que os lança para diante, com a decisão firme e realista de atravessarem juntos todas as provações e momentos difíceis” (*Amoris laetitia*, 211).

⁹ “Em virtude do sacramento, os esposos são investidos numa autêntica missão, para que possam tornar visível, a partir das realidades simples e ordinárias, o amor com que Cristo ama a sua Igreja, continuando a dar a vida por ela” (*Amoris laetitia*, 121).

¹⁰ “Não se pode definir ‘preparação para o casamento’ três ou quatro encontros realizados na paróquia [...]. A preparação deve ser madura e leva tempo. Não é um ato formal: é um Sacramento. Mas deve-se preparar com um verdadeiro catecumenato” (Francisco, *Catequese sobre os Mandamentos*, 11/A: *Não cometerás adultério*, 24 de outubro de 2018).

tos familiares, quanto os presbíteros, desde a formação no seminário, quanto os religiosos e consagrados, sejam formados adequadamente e preparados para a recíproca complementaridade e corresponsabilidade eclesial.¹¹ Esta natural comunhão no apostolado entre esposos e celibatários tem estado presente na vida eclesial desde o princípio, como demonstra o exemplo de Paulo, acompanhado na evangelização por Áquila e Priscila,¹² mas deve ser redescoberta e vivida plenamente nas paróquias e dioceses, dado que diversidade de estilo e linguagem, a diversidade de experiências de vida, a diversidade de carismas e de dons espirituais próprios de cada vocação e estado de vida são de grande enriquecimento para a transmissão da fé aos jovens casais e para a sua iniciação à vida matrimonial.

9. Os responsáveis da ação pastoral – párocos, religiosos, bispos – exercem um importante papel de animação e coordenação.¹³ Os padres e párocos, em particular, sendo geralmente os primeiros a receberem o pedido dos jovens que querem casar-se na Igreja, possuem a grande responsabilidade de acolher, animar e orientar bem os casais, fazendo aparecer desde o início uma profunda dimensão religiosa implícita no matrimônio cristão, bem superior a um simples “rito civil” ou “costume”.¹⁴

¹¹ Cf. *Amoris laetitia*, 203; Catecismo da Igreja Católica, 1632.

¹² Cf. *At* 18, 1-3; 18, 18-19; 18, 26; *Rm* 16, 3-5; *1 Cor* 16, 19.

¹³ “É principalmente a vós, párocos, colaboradores indispensáveis dos Bispos, que se confia este catecumenato. Encorajo-vos a praticá-lo, não obstante as dificuldades que podereis encontrar” (Francisco, *Discurso aos participantes no curso sobre o novo processo matrimonial*, 25 de fevereiro de 2017).

¹⁴ “Os sacerdotes, sobretudo os párocos, são os primeiros interlocutores dos jovens que desejam formar uma nova família e casar-se no Sacramento do matrimônio. O acompanhamento do ministro ordenado ajudará os futuros esposos a compreender que o casamento entre um homem e

10. Junto aos sacerdotes e religiosos, os casais de esposos têm de desempenhar um papel primário. A preparação dos casais ao casamento é uma verdadeira obra de evangelização,¹⁵ e os fiéis leigos, em particular os esposos, são chamados, assim como os religiosos e os ministros ordenados, a participarem da missão evangelizadora da Igreja: são um sujeito pastora.¹⁶ Graças à sua experiência específica, poderão dar um caráter mais concreto aos percursos de acompanhamento, antes e depois do casamento, intervindo como testemunhas e acompanhadores dos casais com relação a muitos aspectos da vida nupcial (afetividade, sexualidade, diálogo, espiritualidade) e familiar (tarefas de cuidado e criação, abertura à vida, dom recíproco, educação dos filhos, apoio nos trabalhos quotidianos, nas dificuldades e na doença). Os próprios es-

uma mulher é sinal da união sponsal entre Cristo e a Igreja, tornando-os conscientes do profundo significado do passo que estão prestes a dar” (Francisco, *Discurso aos participantes no curso de formação promovido pelo Tribunal da Rota Romana*, 27 de setembro de 2018).

¹⁵ “Hoje, mais do que nunca, esta preparação apresenta-se como uma verdadeira oportunidade de evangelização dos adultos e, muitas vezes, dos chamados distantes. Com efeito, são numerosos os jovens para os quais o aproximar-se das núpcias constitui uma ocasião para voltar a encontrar a fé, desde há muito tempo relegada às margens da própria vida; além disso, eles encontram-se num momento particular, caracterizado com frequência também pela disponibilidade a rever e a mudar a orientação da própria existência. Portanto, pode ser um tempo favorável para renovar o seu encontro com a pessoa de Jesus Cristo, com a mensagem do Evangelho e com a doutrina da Igreja.” (Francisco, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 21 de janeiro de 2017).

¹⁶ “os santos casais cristãos [...] são obra do Espírito Santo, que é o protagonista da missão, sempre, e já estão presentes nas nossas comunidades territoriais. [...] Pensemos no trabalho pastoral do catecumenato pré e pós-matrimonial: são estes casais que devem fazê-lo e ir em frente” (Francisco, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 25 de janeiro de 2020).

posos que se disponibilizam para esse valioso serviço de acompanhamento também tiram dele grandes benefícios: levar a cabo um engajamento pastoral e anunciar aos outros o “Evangelho do matrimônio” constitui um fator de grande união espiritual e de enriquecimento pessoal e de casal. É necessário, no entanto, evitar o risco que os leigos, e em particular os casais, ao viver esse protagonismo eclesial, substituam-se ao sacerdote, assumindo papéis e funções que não lhes correspondem. Os sacerdotes e religiosos, por sua vez, devem ter o cuidado de não reduzir a presença dos leigos à de meras testemunhas, porque o que lhes cabe é um espaço de efetiva corresponsabilidade. Os sacerdotes e religiosos, pois, tratarão de adotar uma atitude de escuta constante e de verificação constante do caminho junto aos casais que colaboram com eles e que vivem a dimensão familiar em primeira mão, evitando ser os únicos atores ou, ao contrário, fazer exigências excessivas e delegar demasiadamente, correndo o risco de “esgotar as famílias”.

Para uma renovada pastoral da vida conjugal

11. Assim sendo, a renovação pastoral desejada pelo Papa Francisco desde o início do seu pontificado¹⁷ deve passar também pela renovação da pastoral da vida conjugal. Nesse sentido, o caminho da renovação pode ser indi-

¹⁷ “A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cómodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’. Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. Uma identificação dos fins, sem uma condigna busca comunitária dos meios para os alcançar, está condenada a traduzir-se em mera fantasia” (*Evangelii gaudium*, 33).

cado a partir de três “notas” específicas: transversalidade, sinodalidade e continuidade.

12. “Transversalidade” significa que a pastoral da vida conjugal não deve ser confinada ao estrito campo do “curso de noivos”, mas “atravessa” muitas outras áreas pastorais e nelas está sempre presente. Deste modo, evita-se uma certa divisão da pastoral em “compartimentos vedados” que reduzem a sua eficácia. Pastoral da infância, pastoral da juventude e pastoral familiar precisam caminhar juntas, em sinergia. Devem ser reciprocamente conscientes dos percursos e dos objetivos pastorais estabelecidos para dar lugar a um processo de crescimento linear e a um gradual aprofundamento da fé. Nesse sentido, o pároco deve desempenhar um papel importante de coordenação, que deve partilhar com a equipe pastoral. Além disso, seria de grande proveito se nessas três áreas estivesse sempre presente a *perspectiva vocacional* que unifica e dá coerência ao percurso de fé e de vida das pessoas. Até mesmo a *pastoral social* deveria integrar-se com a pastoral familiar, visto que não se pode compreender hoje uma pastoral social adequada sem “escutar” a família, assim como não se pode entender as famílias sem levar em consideração o quanto são hoje influenciadas pela realidade social.

13. “Sinodalidade” define o *modus vivendi et operandi* específico da Igreja. A Igreja é comunhão e realiza concretamente esse ser comunhão caminhando juntos, coordenando todos os campos pastorais e participando ativamente, com todos os seus membros, na sua missão evangelizadora.¹⁸ Da mesma maneira, também deve viver

¹⁸ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, 2 de março de 2018, 6.

nesse estilo sinodal a pastoral da vida conjugal, a qual tem de ser “assumida” corresponsavelmente por toda a Igreja, deve abraçar todos os campos pastorais e deve andar lado a lado com o caminho comum da Igreja em cada período da história, crescendo com ela, atualizando-se e renovando-se nela.

14. “Continuidade” refere-se ao caráter não “esporádico”, mas “prolongado no tempo” – poder-se-ia dizer também “permanente” – da pastoral da vida conjugal. Desta forma, é possível estabelecer itinerários pedagógicos que, nas várias fases de crescimento – humano e de fé –, acompanhem as crianças e jovens na descoberta gradual da sua vocação, seja ao matrimônio, ao sacerdócio ou à vida religiosa. É necessário, para tanto, enraizar a vocação nupcial no caminho da iniciação cristã desde a infância.¹⁹

15. À luz do que foi dito, torna-se necessário repensar seriamente o modo de a Igreja acompanhar o crescimento humano e espiritual das pessoas. Com efeito, em não poucos países, na vida e na atividade habitual das paróquias, percebem-se longos períodos de “abandono pastoral” de algumas fases da vida das pessoas e das famílias, que, infelizmente, são causa de afastamento da comunidade e, frequentemente, também da fé. Pensemos, por exemplo, nos pais depois da catequese para o Batismo dos filhos, ou às crianças depois da primeira comunhão. Precisamente para preencher essas “lacunas pastorais”, é oportuno pensar em percurso vocacionais específicos como prosseguimento da formação catequética de base e em outros caminhos de acompanhamento, de modo que

¹⁹ *Amoris laetitia*, 206.

os pais possam seguir o crescimento espiritual dos filhos durante a infância e adolescência e sintam-se apoiados por uma comunidade com a qual podem partilhar as suas reflexões e experiências.²⁰

²⁰ “Família e jovens não podem ser dois setores paralelos da pastoral das nossas comunidades, mas devem caminhar estreitamente unidos, porque muitas vezes os jovens são aquilo que a família lhes proporcionou durante o período do crescimento. Esta perspectiva volta a compor na unidade uma pastoral vocacional atenta a expressar o rosto de Jesus nos seus múltiplos aspetos” (FRANCISCO, *Discurso no encontro com os fiéis durante a visita a Loreto*, 25 de março de 2019).

II. UMA PROPOSTA CONCRETA

16. O Papa Francisco recomendou “que se ponha em prática um verdadeiro catecumenato dos futuros nubentes, incluindo todas as etapas do caminho sacramental: as fases de preparação para o matrimônio, da sua celebração e dos anos imediatamente sucessivos”.¹ Como já foi dito, é papel de cada diocese/eparquia elaborar ou repensar o seu próprio itinerário de preparação para o matrimônio, inspirando-se no catecumenato pré-batismal. Deve-se fazê-lo, obviamente, levando em consideração as possibilidades e limites definidos pelo contexto geográfico, cultural e pastoral, inspirando-se nessas orientações de maneira flexível e criativa.

Ao elaborar tal projeto, deve-se ter em mente um certo número de requisitos:

- que dure tempo suficiente para permitir ao casal uma verdadeira reflexão e amadurecimento;
- que, mesmo partindo da experiência concreta do amor humano, a fé e o encontro com Cristo estejam ao centro da preparação para o matrimônio;
- que seja articulado em etapas, marcadas – quando possível e apropriado – por ritos de passagem celebrados em comunidade;
- que englobe todos estes elementos (sem excluir nenhum): formação, reflexão, diálogo, liturgia, comunidade, oração, festa.

¹ FRANCISCO, *Discurso aos participantes no curso sobre o novo processo matrimonial*, 25 de fevereiro de 2017.

É importante, porém, observar que, mesmo quando uma diocese/eparquia tiver desenvolvido o seu próprio itinerário de preparação para o casamento, esta “ferramenta pastoral” não deve ser simplesmente “imposta” como única via de preparação para o casamento, mas usado com discernimento e bom senso, sabendo bem que há casos em não se pode ou não convém seguir o catecumenato matrimonial, e será preciso encontrar outras modalidades e formas de preparação em vista do matrimônio.

Modalidade

17. Será oportuno, depois de ter elaborado o seu próprio itinerário de catecumenato matrimonial, que a diocese/eparquia o submeta a um período de prova e experiência, através de um “projeto piloto”, que deve ser iniciado, num primeiro momento, em todas ou só em algumas paróquias (consoante a realidade pastoral). Depois desta primeira experiência, será preciso recolher o parecer e as avaliações tanto dos agentes pastorais quanto dos casais participantes, refletir juntos sobre os pontos fortes e fracos, e fazer os ajustes necessários.

18. Face à pluralidade de situações pessoais, a diocese/eparquia pode prever uma forma comum de itinerário catecumenal, avaliando, a seguir, como personalizar o percurso em função dos casais. A criatividade pastoral será essencial, bem como a flexibilidade com relação à situação concreta dos diferentes casais: prática religiosa, motivações sociais e econômicas, idade, coabitação, presença de filhos, e outros fatores ligados à decisão de casar-se.

19. O ritual da iniciação cristã para os adultos pode constituir um quadro de referência gera onde buscar inspiração. Será particularmente oportuno dar relevo ao

que precede e segue o catecumenato (respectivamente, a primeira evangelização e a mistagogia); fazer com que a passagem de um tempo ao outro sejam marcados por um discernimento, por símbolos ou ritos (onde não for desaconselhável por razões culturais); que haja uma clara conexão entre os outros sacramentos (Batismo, Eucaristia, Confirmação) e o Matrimônio. Tudo isto tendo em conta que a pedagogia da fé implica um encontro pessoal com Cristo, a conversão do coração e da vida prática, e a experiência do Espírito na comunhão eclesial.

20. É necessário que todos aqueles que acompanham – casais, presbíteros e agentes pastorais de maneira geral – possuam uma formação e uma forma de acompanhamento adequados ao percurso catecumenal. Como já foi mencionado, não se trata tanto de transmitir noções ou de adquirir competências, mas muito mais de orientar, ajudar e estar próximo dos casais ao longo de um caminho a trilhar juntos. O catecumenato matrimonial não é uma preparação para uma “passar num exame”, mas para “viver uma vida”. Para tanto, deve-se priorizar a formação e a atualização contínuas dos presbíteros e religiosos, que tantas vezes usam uma linguagem “distante” da realidade concreta das famílias e incompreensível para eles, inclusive porque os conteúdos demasiado abstratos da forma em que são apresentados. O mesmo pode-se dizer do “tom” geral que se deve empregar nesse percurso catecumenal, que deveria ir muito além das “advertências moralistas” e ser, em vez disso, propositivo, persuasivo, estimulante e totalmente orientado para o “bem” e para o “belo” que se pode viver no matrimônio. Por fim, a completude, a precisão do conteúdo e o estilo de acompanhamento devem ter como objetivo destacar a dignidade e o valor de cada pessoa e, ao mesmo tempo, a dignidade e o valor da vo-

cação para a qual é chamada, sempre inserida numa realidade concreta. Este cuidado com o estilo é particularmente importante hoje, dado que muitos casais de noivos vivem situações complexas de união, e por isso têm dificuldade para entender a dimensão sacramental da escolha que estão prestes a fazer e “conversão”, que esta escolha implica, ainda que “entrevejam” que o sacramento contém um mistério maior do que a simples coabitação. Serão necessários, pois, gradatividade, acolhimento e apoio, mas também o testemunho de outros casais que os acolham e estejam presentes ao longo do caminho. Por isso, é importante que nas comunidades se dê mais espaço à presença ativa dos casais como agentes da pastoral matrimonial, na qualidade de esposos e não somente como fiéis individuais. Deve-se potencializar as experiências “personalizadas” em pequenos grupos de trabalho, escuta e preparação – caso necessário, também como cada casal separadamente – a fim de os casais serem seguidos de perto pelos casais acompanhadores, que podem contribuir para criar um clima de amizade e confiança. Usar a casa também pode fazer com que se sintam acolhidos e à vontade.

21. A equipe de acompanhadores que guia o percurso pode ser formada por alguns casais de esposos, apoiados por um sacerdote e outros especialistas de pastoral familiar, bem como por religiosos e eventualmente casais separados, mas fiéis ao sacramento, que possam oferecer um testemunho e uma experiência vocacional de maneira sempre construtiva, contribuindo, assim, a mostrar o rosto de uma Igreja acolhedora, plenamente inserida na realidade, e que se põe ao lado de todos. Deve-se ter o cuidado de não atribuir esse encargo a um único, mas a diversos, preferencialmente de diferentes idades, e a não deixar a mesma equipe como responsável por anos a fio, provendo uma

rotação adequada. É indispensável, também, a colaboração entre paróquias ou zonas pastorais para favorecer uma diversificação dos percursos e a possibilidade de oferecer a todos um caminho de formação.

22. Algumas temáticas complexas inerentes à sexualidade conjugal ou à abertura à vida (como por exemplo a paternidade responsável, a fecundação artificial, a diagnose pré-natal e outras questões bioéticas) têm consequências éticas, relacionais e espirituais fortes para os esposos, e requerem hoje uma formação específica e uma clareza de ideias. Mesmo porque algumas formas de tratar tais temáticas apresentam aspectos morais problemáticos. Os próprios acompanhadores nem sempre são capazes de abordar estas questões, que são demasiado extensas. O envolvimento de pessoas mais experientes, neste caso, é ainda mais apropriado.²²

23. No decorrer do itinerário, os ritos têm a função de marcar a conclusão de uma etapa e o início da fase seguinte, e podem ser o lugar adequado para manifestar livremente a vontade de prosseguir no caminho, ritmando assim o aprofundamento gradual do percurso. Além disso, o rito marca a compenetração gradativa entre o crescimento dos noivos na fé e no amor recíproco. Entre os ritos a serem considerados, antes chegarem ao rito matrimonial propriamente dito, pode haver: a entrega da Bíblia ao casal, a apresentação à comunidade, a bênção dos anéis de noivado, a entrega de uma “oração do casal” que os acompanhará no seu caminho. Deve-se avaliar a conveniência destes segundo a realidade eclesial local. Cada rito pode ser acompanhado por um retiro, que pode tornar-se uma

² Cf. *Amoris laetitia*, 204.

ocasião de discernimento e de decisão quanto a prosseguir ou não rumo à etapa seguinte, em diálogo espiritual com a equipe dos acompanhadores. Nos primeiros anos de vida matrimonial, pode-se sugerir a entronização de um “altar familiar”, um lugar da casa onde os esposos e os filhos podem se recolher em oração.

Fases e etapas

24. Numa perspectiva pastoral a longo termo, seria desejável que o itinerário catecumenal fosse precedido por uma fase pré-catecumenal, que coincidiria na prática com o longo tempo da “preparação remota” para o casamento, que tem início na infância. A fase propriamente catecumenal consiste em três etapas distintas: a preparação próxima, a preparação imediata e o acompanhamento dos primeiros anos de vida conjugal. Entre a fase pré-catecumenal e a propriamente catecumenal, pode-se prever uma fase intermediária, onde ocorre o mento dos candidatos, e que se poderia encerrar com um rito de ingresso no catecumenato matrimonial. Resumindo esquematicamente o que será exposto a seguir, esta poderia ser a sucessão das diversas fases e etapas, com alguns dos ritos que marcam as passagens:

A. Fase pré-catecumenal: preparação remota

- Pastoral da infância
- Pastoral da juventude

B. Fase intermediária (algumas semanas): tempo de acolhimento dos candidatos

- Rito de ingresso no catecumenato (ao término da fase de acolhimento)

C. *Fase catecumenal*

- Primeira etapa: preparação próxima (cerca de um ano) Rito do noivado (ao término da preparação próxima)
Breve retiro de ingresso na preparação imediata
- Segunda etapa: preparação imediata (alguns meses)
Breve retiro de preparação para o casamento (a poucos dias da celebração)
- Terceira etapa: os primeiros anos de vida matrimonial (2-3 anos)

Dois esclarecimentos

25. A experiência pastoral em grande parte do mundo mostra, agora, a presença constante e generalizada de “novos pedidos” de preparação ao matrimônio por parte de casais que já vivem juntos, são unidos civilmente e têm filhos. A Igreja já não pode esquivar esses pedidos, nem os espremer em percursos traçados para aqueles que provêm de um caminho mínimo de fé; estes requerem, em vez disso, formas de acompanhamento personalizadas ou em pequenos grupos, orientadas para um amadurecimento de fé e de casal com vistas ao matrimônio cristão, através da redescoberta da fé a partir do Batismo e da compreensão gradual do significado do rito e do sacramento do Matrimônio. Para esses casais, as Igrejas particulares poderiam pensar em percursos catecumenais fora da *pastoral evolutiva* da juventude e do namoro – como a que se propõe neste documento – que mesmo conduzindo à mesma consciência vocacional e sacramental, partem de uma experiência concreta específica de vida. Isto daria forma a uma proposta nova para tentar responder às necessidades de uma realidade familiar contemporânea diferente daquela que

prevalencia nas décadas precedentes, sempre, porém, desejosa de aproximar-se da Igreja e do “grande mistério” do matrimônio.

26. Na seguinte descrição, o itinerário apresenta alguns “ritos”. É necessário prestar atenção à forma como esses ritos são realizados e, especialmente, como são percebidos. Com efeito, mesmo que os casais que tomam parte nesse percurso formativo acolham-no de maneira muito positiva, a experiência mostra também que podem existir riscos eventuais, especialmente em alguns países, por conta de uma cultura e de uma mentalidade particularmente sensíveis aos gestos rituais e à sua importância social. Verificou-se que uma excessiva “exposição” pública dos noivos, com a participação aos vários ritos do itinerário catecumenal das famílias e de toda a comunidade paroquial, fez com que a comunidade percebesse esses ritos como “antecipações” do matrimônio, gerando falsas expectativas e pressões psicológicas indevidas sobre os noivos. É evidente que tudo isso poderia influenciar negativamente o processo de discernimento dos noivos e limitar a sua liberdade, criando assim as condições para uma celebração nula do matrimônio. Recomenda-se, logo, a necessária prudência e uma avaliação atenta de como propor esses ritos, segundo o contexto social em que se atua. Em alguns casos, por exemplo, pode ser preferível que esses ritos aconteçam só dentro do grupo de casais que seguem o itinerário, sem envolver as famílias ou outras pessoas. Em outros casos, pode ser preferível evitá-los totalmente.

A. Fase pré-catecumenal: preparação remota

27. A preparação remota precede o itinerário catecumenal propriamente dito, e visa, desde a infância, “prepa-

rar o terreno” no qual poderão ser enxertados os brotos de uma futura vocação à vida conjugal. O “terreno” será bem preparado se for bem inculcada nas crianças a estima de cada valor humano autêntico, se forem cultivados a estima por si mesmo e pelos demais, se for ensinado o domínio de si mesmo nas pequenas coisas, o uso correto das suas próprias inclinações, o respeito das pessoas do sexo oposto e a dignidade de cada ser humano em geral.³³

28. A Igreja, com um grande cuidado materno, buscará o modo mais conveniente de “narrar” aos bambinos o projeto de amor que Deus tem para cada pessoa, do qual o casamento é sinal, e que, para eles também, se manifestará como uma chamada vocacional. Disso depende a felicidade de gerações inteiras. No fundo, a vocação à família diz respeito à maioria das pessoas do mundo. Para tal fim, seria necessário formar já nas crianças uma sã antropologia cristã – abrangendo os primeiros elementos da sexualidade humana e da teologia do corpo⁴ – e desenvolver a sua iden-

³ “A preparação remota tem início desde a infância, naquela sábia pedagogia familiar, orientada a conduzir as crianças a descobrirem-se a si mesmas como seres dotados de uma rica e complexa psicologia e de uma personalidade particular com as forças e fragilidades próprias. É o período em que é infundida a estima por todo o valor humano autêntico, quer nas relações interpessoais, quer nas sociais, com tudo o que significa para a formação do carácter, para o domínio e reto uso das inclinações próprias, para o modo de considerar e encontrar as pessoas do outro sexo, etc. É pedida, além disso, especialmente aos cristãos, uma sólida formação espiritual e catequética, que saiba mostrar o matrimônio como verdadeira vocação e missão [...]. É nesta base que, em seguida e mais amplamente, se porá o problema da preparação próxima” (*Familiaris consortio*, 66); cf. também Pontifício Conselho para a Família, *Preparação para o sacramento do Matrimônio*, 22.

⁴ É de grande ajuda nessa tarefa o subsídio pastoral elaborado pelo Pontifício Conselho para a Família, *Sexualidade humana: verdade e significado. Orientações educativas em família*, 8 de dezembro de 1995.

tidade batismal numa perspectiva vocacional, tanto para o casamento quanto para a vida religiosa.

29. O percurso de formação iniciado com as crianças poderá ser continuado e aprofundado com os adolescentes e jovens, para que não cheguem à decisão de se casarem quase por acaso e após uma adolescência marcada por experiências afetivas e sexuais dolorosas para a sua vida espiritual. Tais experiências podem provocar profundas feridas afetivas, que vão ressurgir na idade adulta na vida sexual e conjugal. Diante disso, a equipe pastoral deve ser capaz de oferecer a ajuda de especialistas que possam acompanhar, no plano pessoal, esses jovens. Além disso, muitos deles, por diversas razões ligadas ao contexto familiar, social ou cultural, entram na idade adulta sem qualquer preparação para a vida matrimonial, e tantos outros nunca pensaram no casamento como uma vocação, por isso contentam-se em viver juntos. Na maior parte dos casos, o motivo não é uma explícita aversão à dimensão religiosa, mas o desconhecimento da imensa riqueza encerrada na graça sacramental do matrimônio cristão, ou por outras razões sociais ou culturais.⁵ Por isso, será importante preparar os agentes pastorais para que saibam usar uma linguagem adequada e saibam propor a Palavra de um modo compreensível

⁵ “Muitas vezes a escolha do matrimônio civil ou, em diversos casos, da simples convivência não é motivada por preconceitos ou relutância face à união sacramental, mas por situações culturais ou contingentes. [...] Muitas vezes, escolhe-se a simples convivência por causa da mentalidade geral contrária às instituições e aos compromissos definitivos, mas também porque se espera adquirir maior segurança existencial (emprego e salário fixo). Noutros países, por último, as uniões de facto são muito numerosas, não só pela rejeição dos valores da família e do matrimônio, mas sobretudo pelo facto de a cerimónia do casamento ser sentida como um luxo, pelas condições sociais, de modo que a miséria material impele a viver uniões de facto” (*Amoris laetitia*, 294).

para os jovens, inserida na realidade deles, capaz de suscitar neles um verdadeiro interesse.

30. Os jovens estão expostos a dois perigos: por um lado, a difusão de uma mentalidade hedonista e consumista que lhes priva de toda a capacidade de compreender o belo e profundo significado da sexualidade humana. Por outro lado, a separação entre a sexualidade e o “para sempre” do matrimônio. Os percursos de educação para a afetividade e a sexualidade – no horizonte de uma “educação sexual positiva e prudente” – que são propostos aos jovens “a medida que vão crescendo”⁶ não se devem limitar ao horizonte do *amor* simplesmente, pois este, na interpretação cultural dominante, é interpretado principalmente como amor romântico, mas devem ser inseridos numa clara visão conjugal do amor, entendido como uma entrega recíproca dos esposos, como saber amar e saber deixar-se amar, como um intercâmbio mútuo de afeto e aceitação incondicional, como saber alegrar-se e saber sofrer pelo outro.⁷

É particularmente urgente criar ou reforçar percursos pastorais voltados principalmente para os jovens na idade da puberdade e da adolescência. Diante dos desafios de hoje, a família não pode e não consegue ser o único lugar de educação para a afetividade. Por isso necessita da ajuda da Igreja. Para isso, é importante proporcionar uma formação adequada dos formadores que acompanham os mais jovens

⁶ FRANCISCO, *Amoris laetitia*, 280, cit. *Gravissimum educationis*, 1.

⁷ “É necessário preparar-se para o matrimônio; isto requer educar-se a si mesmo, desenvolver as melhores virtudes, sobretudo o amor, a paciência, a capacidade de diálogo e de serviço. Implica também educar a própria sexualidade, para que seja sempre menos um instrumento para e usar os outros, cada vez mais uma capacidade de se doar plenamente a uma pessoa, de maneira exclusiva e generosa” (FRANCISCO, *Christus vivit*, 265).

na educação para a sexualidade e a afetividade, envolvendo especialistas e criando sinergia, por exemplo, com os centros de apoio familiar de inspiração cristã, ou os projetos pastorais de educação para a afetividade aprovados e conhecidos pela diocese/eparquia ou pela conferência episcopal.

31. Tanto a fase da infância quanto a da adolescência e primeira juventude são parte de um único percurso educativo, sem interrupção de continuidade, fundada em duas verdades fundamentais: “a primeira é que o homem é chamado a viver na verdade e no amor; a segunda é que cada homem se realiza através do dom sincero de si”⁸ numa vocação. Esclarecer os jovens sobre a relação que tem o amor com a verdade ajudá-los-á a não temerem de forma fatalista a alteração dos sentimentos e a prova do tempo.⁹

32. O percurso educativo da preparação remota deve ser levado em conta na abordagem pastoral de cada paróquia ou outra realidade eclesial. Em particular, deve ser explicitamente anunciado no âmbito da pastoral da juventude (inclusive nos grupos de adolescentes) e proposto como tempo favorável para começar a amadurecer a vocação esponsal.¹⁰ Seria oportuno começar uma colaboração com associações e movimentos laicais para executar

⁸ JOÃO PAULO II, *Carta às famílias. Gratissimam sane*, 16.

⁹ “Apenas na medida em que o amor estiver fundado na verdade é que poderá perdurar no tempo, superar o instante efêmero e permanecer firme para sustentar um caminho comum. Se o amor não tivesse relação com a verdade, estaria sujeito à alteração dos sentimentos e não superaria a prova do tempo. Ao contrário, o amor verdadeiro unifica todos os elementos da nossa personalidade, tornando-se uma luz nova que aponta para uma vida grande e plena. Sem a verdade, o amor não pode oferecer um vínculo sólido, não consegue arrancar o ‘eu’ do seu isolamento, nem libertá-lo do instante fugaz para edificar a vida e produzir fruto” (Francisco, *Lumen fidei*, 27).

¹⁰ Cf. FRANCISCO, *Christus vivit*, 242.

intervenções pastorais em sinergia e com um espírito de comunhão eclesial.¹¹

33. O que ajuda muito os jovens é um acompanhamento cheio de proximidade e testemunho. Algo que sempre suscita um grande interesse entre os jovens é escutar diretamente cônjuges que contam a sua história de casal e dão a razão do seu “sim”, ou o testemunho de namorados ou noivos que procuram viver o namoro/noivado como um tempo importante de conhecimento e discernimento, inclusive os que escolheram viver a castidade prima do casamento, e que contam aos mais jovens as motivações da sua escolha e os frutos espirituais que dela derivam.¹²

34. Os jovens precisam também de momentos personalizados, dedicados a cada um individualmente,¹³ para esclarecerem as dúvidas e preocupações, para enfrentarem medos e inseguranças, para serem ajudados a refletir sobre eventuais imaturidades, aprender a superar o fechamento do eu e abrir-se ao amor concreto de outra pessoa.¹⁴

¹¹ Cf. FRANCISCO, *Christus vivit*, 206.

¹² “É necessário lembrara importância das virtudes. Dentre elas, resulta ser condição preciosa para o crescimento genuíno do amor interpessoal a castidade. A respeito desta necessidade, os Padres sinodais foram concordes em sublinhara exigência dum maior envolvimento de toda a comunidade” (*Amoris laetitia*, 206).

¹³ Cf. *Lc* 4, 40: “E ele, impondo as mãos sobre cada um, curava-os”.

¹⁴ “Além disso, convém encontrar os modos – através das famílias missionárias, das próprias famílias dos noivos e de vários recursos pastorais – para oferecer uma preparação remota que faça amadurecer o amor deles com um acompanhamento rico de proximidade e testemunho. Habitualmente, são muito úteis os grupos de noivos [ou namorados] e a oferta de palestras opcionais sobre uma variedade de temas que realmente interessam aos jovens. Entretanto são indispensáveis alguns momentos personalizados, dado que o objetivo principal é ajudar cada um a aprender a amar esta pessoa concreta com quem pretende partilhar a vida inteira. Aprender a amar alguém não é algo que se improvisa, nem pode ser o ob-

35. Muitos jovens não percebem o laço estreito que existe entre vida de fé e vida afetiva. Cultivar um amor humano, verdadeiro e sincero predispõe-nos ao encontro com o amor maior de Deus e facilita a descoberta (ou redescoberta) da fé. Ao mesmo tempo, encontrar o amor de Deus e descobrir (ou redescobrir) a fé dão um novo sentido e uma nova profundidade à experiência do amor humano.¹⁵ A própria fé possui uma forma de conhecimento que lhe é própria, que provém do amor e abre ao amor.¹⁶ Os jovens, portanto, nesta fase remota, precisam ser guiados num crescimento harmônico, que una as dimensões humana e a espiritual do amor, principalmente para aqueles que chegam à preparação para o casamento com uma experiência de fé muito aproximativa e sem participar ativamente na vida eclesial.

36. Em resumo, as finalidades da preparação remota são: a) educar as crianças para a estima de si e dos outros,

jetivo dum breve curso antes da celebração do matrimônio. Na realidade, cada pessoa prepara-se para o matrimônio, desde o seu nascimento. [...] Neste sentido todas as atividades pastorais, que tendem a ajudar os cônjuges a crescer no amor e a viver o Evangelho na família, são uma ajuda inestimável a fim de que os seus filhos se preparem para a sua futura vida matrimonial” (*Amoris laetitia*, 208).

¹⁵ “O amor fiel de Cristo é a luz para viver a beleza da afetividade humana. Com efeito, a nossa dimensão afetiva é uma chamada ao amor, que se manifesta na fidelidade, no acolhimento e na misericórdia.” (FRANCISCO, *Catequeses sobre os mandamentos*, 11/B, 31 de outubro de 2018).

¹⁶ “A fé transforma a pessoa inteira, precisamente na medida em que ela se abre ao amor; é neste entrelaçamento da fé com o amor que se compreende a forma de conhecimento própria da fé, a sua força de convicção, a sua capacidade de iluminar os nossos passos. A fé conhece na medida em que está ligada ao amor, já que o próprio amor traz uma luz. A compreensão da fé é aquela que nasce quando recebemos o grande amor de Deus, que nos transforma interiormente e nos dá olhos novos para ver a realidade” (FRANCISCO, *Lumen fidei*, 26).

para o conhecimento da sua própria dignidade e para o respeito da dos outros; b) apresentar aos bambinos a antropologia cristã e a perspectiva vocacional contida no Batismo que conduzirá ao casamento ou à vida consagrada; c) educar os adolescentes para a afetividade e a sexualidade com vista a uma futura chamada a um amor generoso, exclusivo e fiel (seja no matrimônio, no sacerdócio ou na vida consagrada); d) propor aos jovens um percurso de crescimento humano e espiritual para superar a imaturidade, os medos e as resistências, para abrirem-se a relações de amizade e amor, não possessivas ou narcisistas, mas livres, generosas e oblativas.

B. Fase intermediária: acolhimento dos candidatos

37. A fase intermediária de acolhimento pode ter uma duração variável: de algumas semanas, para os que já vêm de um percurso de formação cristã, até alguns meses, para aqueles que, além de fazer um primeiro discernimento no namoro, necessitam de aprofundar a sua identidade batismal. Uma fase de acolhimento pode ser prevista também para casais que comecem o caminho depois dos outros.

38. O momento do acolhimento não se deve limitar a um encontro formal para apresentar-se e cuidar das formalidades burocráticas, mas deve ser vivido como um tempo de encontro e conhecimento personalizado. O tipo relação e de acolhimento aplicado pela equipe pastoral será determinante. Isso vale tanto para os que vêm de um período de formação remota – logo, de uma vida de fé e participação eclesial já consolidada – quanto para os que se aproximam

da comunidade paroquial pela primeira vez.¹⁷ Neste segundo caso, principalmente em se tratando de pessoas distantes da prática religiosa e, em geral, também de qualquer discurso de fé, é importante que o momento do acolhimento se torne um anúncio do *kerigma*, de modo que o amor misericordioso de Cristo constitua o “lugar espiritual” autêntico onde o casal é acolhido.¹⁸

39. Não é só o “primeiro anúncio” da fé que tem caráter *kerigmático*, mas é importante que o próprio sacramento do Matrimônio se torne o objeto de um real anúncio por parte da Igreja, principalmente para as pessoas que não tem uma experiência madura de fé nem um engajamento na Igreja. Estes devem ser capazes de poder ver nos casais já casados, e experimentar eles mesmos, que a vida conjugal é a resposta às mais profundas expectativas da pessoa humana no seu desejo de reciprocidade, de comunhão e de fecundidade, física e espiritual.¹⁹ A proposta catequética, portanto, tentará ressaltar a natureza conjugal e familiar do amor e destacar todas as suas características particulares: totalidade, complementaridade, unicidade, definitividade,

¹⁷ “Os colaboradores e responsáveis [...] enquanto educadores, deverão estar também providos de capacidade de acolhimento aos noivos, qualquer que seja o seu estrato sociocultural, a sua formação intelectual e capacidades concretas.” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Preparação para o sacramento do Matrimônio*, 43).

¹⁸ “Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: ‘Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar’. [...] Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano.” (FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, 164-165).

¹⁹ Cf. *Amoris laetitia*, 201.

fecundidade, caráter público. O “anúncio evangélico” do matrimônio mostrará que estas são as características que brotam do dinamismo intrínseco do amor humano. Isso significa que a fidelidade, a definitividade, a fecundidade e a totalidade são, no fundo, as “dimensões essenciais” de qualquer autêntico laço de amor, compreendido, desejado e coerentemente vivido por um homem e uma mulher, e não apenas alguns “elementos característicos” do casamento “católico”. Por conseguinte, o sacramento do Matrimônio pode ser apresentado aos casais não como uma mera obrigação moral ou legal a satisfazer, mas como um dom, uma graça oferecida, uma ajuda que Deus lhes põe à disposição precisamente para satisfazer as necessidades do amor autêntico. A pastoral conjugal, por fim, deve sempre ter um tom alegre e *kerigmático* – vigoroso e ao mesmo tempo propositivo – em consonância com o que sugeriram João Paulo II e Francisco.²⁰ O testemunho, a beleza e a força motriz das famílias pode ajudar os pastores face a esses desafios.²¹

40. Neste momento em que se começa a conhecer os casais que podem ser convidados ao catecumenato matrimonial, uma particular atenção deve ser reservada a todos os que preferiram viver juntos sem se casar, mas que permanecem abertos ao discurso religioso e dispostos a aproximar-se da Igreja. Com um olhar de compreensão,²²

²⁰ Cf. JOÃO PAULO II, *Familiaris consortio*, 68; FRANCISCO, *Amoris laetitia*, 1, 59, 200-201.

²¹ ²¹ “O testemunho mais persuasivo da bênção do matrimônio cristão é a vida boa dos esposos cristãos e da família. Não há modo melhor para transmitir a beleza do Sacramento!” FRANCISCO, *Audiência geral*, 29 de abril de 2015).

²² Neste esforço de compreensão, é útil levar em conta as dificuldades subjetivas e objetivas das pessoas, “dificuldade para compreender” e “di-

devem ser acolhidos calorosamente e sem legalismo, apreciando-se o seu “desejo de família”, evitando exercer sobre eles qualquer tipo de pressão, mas simplesmente convidando-os a um tempo de escuta e reflexão, esclarecendo que serão eles a tomar a eventual decisão de celebrar o matrimônio sacramental, autonomamente e por convicção pessoal, como fruto desse tempo de discernimento.²³

41. A acolhida pode ficar a cargo de um casal de esposos, assistidos, sempre que possível, por um sacerdote. Poderá consistir em alguns encontros, durante os quais se procure compreender, em clima confortável e fraterno, junto com o casal, as verdadeiras razões pelas quais pedem para se prepararem para o matrimônio, ou pelo menos para fazerem um caminho de discernimento. Esse é o momento oportuno para uma purificação das motivações ambíguas que podem existir à origem do pedido de se casarem na Igreja e, em se tratando de pessoas que se distanciaram da prática religiosa, para um primeiro anúncio da fé. Deve-se deixar ao casal o tempo para pensarem juntos, decidirem e fazerem uma escolha consciente. Para tanto, é bom que o diálogo com os candidatos aconteça em diversos momentos. Para orientar e tornar concreto o trabalho de introspecção do casal, pode ser útil deixar um esquema de reflexão tendo em vista os encontros subsequentes.

ficuldade para viver” o que a Igreja propõe, à luz dos critérios indicados em *Amoris laetitia*, 301-303.

²³ “Ao mesmo tempo tornai-vos próximos, com o estilo próprio do Evangelho, no encontro e no acolhimento daqueles jovens que preferem conviver sem se casar. Nos planos espiritual e moral, eles encontram-se entre os pobres e os pequeninos dos quais a Igreja, nos passos do seu Mestre e Senhor, quer ser uma mãe que não abandona mas que se aproxima e cuida deles. Também estas pessoas são amadas pelo Coração de Cristo. Dirigi-lhes um olhar de ternura e de compaixão” (Francisco, *Discurso aos participantes no curso sobre o novo processo matrimonial*, 25 de fevereiro de 2017.

42. Tanto para os que já vivem a dimensão religiosa e eclesial quanto para os que não têm uma experiência de fé, é importante que haja a disposição interior para começar no catecumenato matrimonial um caminho de fé-conversão. Apenas quando os casais tiverem amadurecido a decisão de continuar no caminho da fé, passarão à etapa seguinte.

43. Como dito anteriormente, a presença, hoje muito numerosa, de batizados que pedem para se casar na Igreja sem uma experiência madura de fé e sem um engajamento eclesial requer uma atitude pastoral de maior atenção para com eles do que o que tem sido feito até agora.²⁴ Deve-se tomar cuidado para abordar de forma justa estas situações, evitando propostas superficiais e apressadas, vendo-as, em vez disso, como uma ocasião valiosa de anúncio e proximidade dos “pequenos na fé”, que devem ser acompanhados para a plenitude da vida cristã e para a plenitude do sacramento nupcial²⁵, em modo tal que “cada homem e cada mulher que se casam, o possam fazer de modo a celebrarem o sacramento do matrimônio não só válida, mas também frutuosamente.”²⁶

²⁴ Sobre este aspecto fundamental, imprescindível para uma renovação adequada da pastoral da preparação para o matrimônio, é muito útil referir-se ao documento *A reciprocidade entre a fé e os sacramentos na economia sacramental*, da Comissão Teológica Internacional, que recebi o parecer favorável do Santo Padre em 19 de dezembro de 2019.

²⁵ “É preciso enfrentar todas estas situações de forma construtiva, procurando transformá-las em oportunidades de caminho para a plenitude do matrimônio e da família à luz do Evangelho. Trata-se de acolhê-las e acompanhá-las com paciência e delicadeza. Foi o que Jesus fez com a Samaritana (cf. Jo 4, 1-26): dirigiu uma palavra ao seu desejo de amor verdadeiro, para a libertar de tudo o que obscurecia a sua vida e guiá-la para a alegria plena do Evangelho.” (*Amoris laetitia*, 294).

²⁶ JOÃO PAULO II, *Familiaris consortio*, 68.

44. Às pessoas batizadas não praticantes, com pouca ou nenhuma experiência de fé, será mais que necessário dirigir um convite explícito a percorrer um itinerário catecumenal, orientado a uma acolhida do *kerigma*, a uma formação da mente e do coração segundo os ensinamentos de Jesus e a uma inserção na vida da Igreja. O magistério dos últimos três Pontífices, com efeito, salientou e reiterou a relação entre a fé e o sacramento do Matrimônio.²⁷ A presença de uma fé viva e explícita nos casais é evidentemente a situação ideal para chegar ao casamento com uma intenção clara e consciente de celebrar um verdadeiro Matrimônio: indissolúvel e exclusivo, ordenado ao bem dos cônjuges e aberto à prole. No entanto, uma condição necessária para o acesso ao sacramento do matrimônio e para a sua validade continua sendo, não um “nível mínimo de fé” dos nubentes estabelecido *a priori*²⁸, mas a sua intenção de fazer

²⁷ Cf. JOÃO PAULO II, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 30 de janeiro de 2003; Bento XVI, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 26 de janeiro de 2013; FRANCISCO, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 23 de janeiro de 2015.

²⁸ “É bom reafirmar com clareza que a qualidade da fé não é condição fundamental do consenso matrimonial que, segundo a doutrina de sempre, só pode ser minado a nível natural (cf. CDC, cân. 1055 §§ 1 e 2). Com efeito, o *habitus fidei* é infundido no momento do batismo e continua a ter um influxo misterioso na alma, mesmo quando a fé não foi desenvolvida e psicologicamente parece estar ausente. Não é raro que os nubentes, estimulados para o verdadeiro matrimônio pelo *instinctus naturae*, no momento da celebração tenham uma consciência limitada da plenitude do projeto de Deus, e só depois, na vida de família, descubram tudo o que Deus Criador e Redentor estabeleceu para eles. As faltas da formação na fé e também o erro acerca da unidade, da indissolubilidade e da dignidade sacramental do matrimônio viciam o consenso matrimonial unicamente se determinam a vontade (cf. CDC, cân. 1099). Precisamente por isto os erros que se referem à sacramentalidade do matrimônio devem ser avaliados muito atentamente” (FRANCISCO, *Discurso*

o que a Igreja quer fazer ao celebrar o Matrimônio entre batizados.²⁹

45. No plano pastoral, devem ser avaliadas atentamente as diversas situações dos batizados que mostram uma disposição insuficiente para crer.

Caso recusem de modo explícito e formal o que a Igreja quer fazer ao celebrar o Matrimônio, os nubentes não poderão ser admitidos à celebração sacramental.³⁰ Pode acon-

por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana, 22 de janeiro de 2016).

²⁹ “Pertence à doutrina tradicional dos sacramentos a convicção de que para o sacramento a ser dado se exige pelo menos a intenção de fazer o que a Igreja faz: ‘Todos esses sacramentos se realizados por três elementos: das coisas, como a matéria; das palavras, como forma; e da pessoa do ministro, que confere o sacramento com a intenção de fazer o que a Igreja faz (*cum intentione faciendi quod facit Ecclesia*). Se um deles estiver faltando, o sacramento não se realiza.’ De acordo com a opinião comum da teologia latina, os ministros do sacramento do matrimônio são os cônjuges, que se doam reciprocamente o matrimônio. No caso do matrimônio sacramental, se requer ao menos a intenção de realizar um matrimônio natural. Contudo, o matrimônio natural, tal como o entende a Igreja, inclui como propriedades essenciais a indissolubilidade, a fidelidade e ordenação ao bem dos cônjuges e ao bem da prole. Portanto, se a intenção de contrair matrimônio não inclui essas propriedades, ao menos implicitamente, se dá uma carência grave na intenção, capaz de pôr em questão a própria existência do matrimônio natural, base necessária para o matrimônio sacramental”. (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A reciprocidade entre a fé e os sacramentos na economia sacramental*, 168).

³⁰ “A intenção sacramental nunca é fruto de um automatismo, mas sempre de uma consciência iluminada pela fé, como resultado de uma combinação entre humano e divino. Neste sentido, a união espousal pode ser considerada verdadeira unicamente se a intenção humana dos esposos estiver orientada para aquilo que querem Cristo e a Igreja” (Francisco, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 29 de janeiro de 2018); “Quando, [...] não obstante todas as tentativas feitas, os nubentes mostram recusar de modo explícito e formal o que a Igreja quer fazer ao celebrar o matrimônio dos batizados, o pastor não os pode admitir à celebração. Mesmo se constringido, ele tem o dever de avaliar a

tecer, por vezes, que esta recusa esteja presente na mente e no coração dos nubentes sem terem estes a plena consciência ou o manifestarem abertamente. É, portanto, um grave dever dos agentes pastorais trazer à tona as verdadeiras intenções dos noivos, para que eles mesmos tomem consciência deste fato e o manifestem com sinceridade aos seus acompanhadores, de modo a evitar que a preparação e a celebração do matrimônio se reduzam a atos puramente exteriores.

Se em vez disso houver uma disposição imperfeita dos nubentes, sem negar o que a Igreja quer fazer, não se deve excluir a sua admissão à celebração do sacramento. Os agentes pastorais não deixem de aproveitar esta situação como um momento favorável para os casais descobrirem a fé e amadurecerem-na, voltando às raízes do seu Batismo, fazendo reviver a “semente” da vida divina que já foi lançada neles e convidando-os a refletir sobre a escolha do Matrimônio sacramental como consolidação, santificação e realização plena do seu amor.³¹ Só redescobrimo o dom de ser cristãos – novas criaturas, filhos de Deus, amados e chamados por Ele – é possível fazer um claro discernimento sobre o sacramento nupcial, em continuidade com a sua própria identidade batismal e como realização de um chamado específico de Deus. O despertar da fé, com efeito, leva naturalmente a perceber a força da graça sacramental

situação e fazer compreender aos interessados que, estando assim as coisas, não é a Igreja, mas eles mesmos a impedirem a celebração que não obstante pedem” (*Familiaris consortio*, 68).

³¹ “Com efeito, a fé de quem pede casar-se pela Igreja pode existir em graus diversos e é dever primário dos pastores fazê-la descobrir de novo, nutri-la e torná-la madura. Devem, além disso, compreender as razões que levam a Igreja a admitir à celebração do matrimônio mesmo aqueles que estão imperfeitamente dispostos” (*Familiaris consortio*, 68).

presente no matrimônio e a dispor-se a acolhê-la da melhor forma possível.³²

46. Algumas situações, cada vez mais frequentes em todas as regiões do mundo, merecem uma atenção e um cuidado pastoral particulares: trata-se de casais em que uma parte é cristã e a outra é de religião não cristã, ou em que uma parte é católica enquanto a outra é de outra denominação cristã, não católica. Assim como pode haver casais em que ambas as partes são católicas, mas um dos dois recusa-se a seguir o percurso catecumenal. Em todos estes casos, cabe ao presbítero avaliar o melhor modo de proceder com a preparação para o matrimônio.

47. Ao fim da fase de acolhimento, caso se tenha amadurecido a decisão de entrar no itinerário catecumenal, o casal será introduzido no primeiro período de formação para o matrimônio (preparação próxima). Pode-se expressar esta passagem com um rito de entrada no catecumenato propriamente dito. Pode ser realizado com simplicidade, apresentando os casais à comunidade durante a celebração dominical, com fórmulas breves, uma oração adaptada ao momento e alguns gestos concretos, como, a entrega da Bíblia, sempre evitando que este rito pareça de alguma

³² “Os esposos cristãos não são ingênuos, conhecem os problemas e os perigos da vida. Mas não têm medo de assumir a própria responsabilidade, diante de Deus e da sociedade. [...] Sem dúvida que é difícil! Por isso, é precisa a graça, a graça que nos dá o sacramento! Os sacramentos não servem para decorar a vida [...] E a graça não é para decorar a vida, é para nos fazer fortes na vida, para nos fazer corajosos, para podermos seguir em frente! [...] Os cristãos casam-se sacramentalmente, porque estão cientes de precisarem do sacramento! Precisam dele para viver unidos entre si e cumprir a missão de país. ‘Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença’” (FRANCISCO, *Discurso às famílias em peregrinação por ocasião do Ano da Fé*, 26 de outubro de 2013).

maneira com um “rito matrimonial”. É preciso deixar claro à comunidade que estes casais entram num período catecumenal, como período de discernimento sobre a escolha do matrimônio. Alternativamente, principalmente se por razões culturais for mais oportuno evitar um ritual “público” e comunitário, pode-se convidar os casais a um momento de oração mais íntimo, dentro do grupo dos novos catecúmenos, com a equipe de acompanhadores, e entregar-lhes a Bíblia ou outro sinal adequado para a ocasião.

C. Fase catecumenal

48. O catecumenato será um período de formação mais ou menos longo, que inclui a preparação próxima, a preparação imediata e o acompanhamento nos primeiros anos de matrimônio. As indicações a seguir apresentam-se como simples orientações e devem ser postas em prática com inteligência pastoral segundo as possibilidades concretas que se apresentam em cada Igreja particular.

Sugere-se, em linhas gerais, que a preparação próxima dure cerca de um ano, segundo a experiência prévia do casal em matéria de fé e de engajamento eclesial. Depois de tomarem a decisão de se casarem – momento que pode ser selado com o rito do noivado – pode-se começar a preparação imediata para o matrimônio, com duração de alguns meses, que deve ser estabelecida como uma verdadeira preparação para o sacramento nupcial. Deve-se adaptar a duração destas etapas, repetimos, tendo em conta os aspectos religiosos, culturais e sociais do ambiente em que se vive, e até mesmo as situações pessoais de cada casal. O essencial é preservar o ritmo dos encontros para acostumar os casais a cuidarem responsabilmente da sua vocação e do seu casamento.

Primeira etapa: preparação próxima

49. O catecumenato matrimonial nessa etapa assumirá o caráter de um verdadeiro itinerário de fé, durante o qual a mensagem cristã deve ser descoberta e reproposta na sua perene novidade e frescor.³³ Junto à reproposta de uma catequese de iniciação cristã na fé, revisitar-se-á os sacramentos da iniciação cristã – Batismo, Confirmação e Eucaristia – e do sacramento da Reconciliação. O ponto de referência para o casal serão as Sagradas Escrituras, principalmente o Gênesis, os Profetas e o Cântico dos Cânticos, que contêm textos e simbologias fundacionais para o sacramento do Matrimônio. Os candidatos ao Matrimônio também devem ser gradualmente inseridos na oração cristã – individual, comunitária e de casal – de forma a adquirir o hábito da oração, que será de grande suporte para a futura vida conjugal, especialmente nos momentos de dificuldade.³⁴ Nesta fase, não se deve negligenciar a preparação para a

³³ “Nos cursos de preparação para o matrimônio é indispensável retomar a *catequese da iniciação cristã na fé*, cujos conteúdos não devem ser considerados óbvios, ou já adquiridos pelos noivos. Na maioria das vezes, ao contrário, a mensagem cristã deve ser totalmente redescoberta por quantos permaneceram ancorados nalgumas noções elementares do Catecismo, da primeira Comunhão e, se tudo corre bem, da Crisma.” (FRANCISCO, *Discurso aos participantes no curso de formação promovido pelo Tribunal da Rota Romana*, 27 de setembro de 2018).

³⁴ “O caminho de preparação para o matrimônio deve ser organizado [...] postando também aqui no essencial: a Bíblia, que deve ser redescoberta juntos, de modo consciente; a oração, na sua dimensão litúrgica, mas também na «oração doméstica», vivida em família, nos sacramentos, na vida sacramental — a Confissão... na qual o Senhor vem habitar nos noivos e os prepara para se acolherem deveras um ao outro ‘com a graça de Cristo’” (FRANCISCO, *Audiência geral*, 27 de maio de 2015).

missão específica dos esposos, posto que o Matrimônio é um sacramento para a missão.³⁵

50. Ajude-se os casais a aproximarem-se da vida eclesial e a participar nela.³⁶ Com delicadeza e calor humano, pode-se convidá-los a participar em momentos de oração, na Eucaristia dominical, na confissão, em retiros, mas também em momentos de festa e convivência. A proposta deve aplicar-se de forma gradual (conforme a vivência concreta das pessoas), para ajudar cada casal a sentir-se à vontade nas diferentes áreas da vida da comunidade – litúrgica, caritativa, agregativa – sem imposição ou forçamento, mas, pelo contrário, sentindo-se objeto de uma misericórdia “imerecida, incondicional e gratuita”³⁷ por terem recebido a chamada e o dom para serem parte da grande família dos discípulos de Cristo.

51. Além de retomar a iniciação cristã na fé, a preparação próxima servirá também como iniciação ao sacramento do Matrimônio. Por tal motivo, será fundamental predispor um itinerário de reflexão sobre os bens próprios

³⁵ “A decisão de ‘desposar no Senhor’ contém inclusive uma dimensão missionária, que significa ter no coração a disponibilidade a ser porta-voz da Bênção de Deus e da graça do Senhor para todos. Com efeito, enquanto esposos, os cônjuges cristãos participam na missão da Igreja. [...] Para oferecer a todos os dons da fé, do amor e da esperança, a Igreja precisa também da corajosa fidelidade dos esposos à graça do seu sacramento! O povo de Deus tem necessidade do seu caminho quotidiano na fé, no amor e na esperança, com todas as alegrias e dificuldades que este caminho comporta num matrimônio e numa família.” (Francisco, *Audiência geral*, 6 de maio de 2015); Cf. também *Familiaris Consortio*, 50; *Amoris Laetitia*, 121.

³⁶ “Da mesma forma, evidenciou-se a necessidade de programas específicos de preparação próxima para o matrimônio que sejam verdadeira experiência de participação na vida eclesial e aprofundemos vários aspectos da vida familiar” (*Amoris laetitia*, 206).

³⁷ *Amoris laetitia*, 296-297.

do matrimônio, para que as novas gerações de esposos se aproximem do sacramento com mais consciência, conhecendo as notas essenciais que o tornam tal, as graças que dele jorram e os bens que implica, podendo assim dispor-se a acolherem essas graças e abraçar estes bens como um dom.³⁸

52. Será importante, nesta fase, aprofundar tudo o que está ligado à relação do casal e às dinâmicas interpessoais que implica, com as suas “regras”, as suas leis de crescimento, os elementos que a fortalecem e os que a enfraquecem. Será de grande utilidade conhecer mais profundamente as diversas atitudes psicológicas e afetivas típicas do homem e da mulher, as suas diferentes sensibilidades, os modos diferentes de estabelecer e cultivar relações, as nuances típicas do caráter masculino e feminino que entram em jogo em cada relação a dois.³⁹ A realidade antropológica da pessoa humana em geral, e dos dois sexos em particular, criada e desejada por Deus, deve ser bem conhecida e compreendida, porque constitui o “material humano” que forma a base da relação conjugal. Existe uma “verdade” da

³⁸ “Há várias maneiras legítimas de organizar a preparação próxima para o matrimônio e cada Igreja local discernirá a que for melhor, procurando uma formação adequada que, ao mesmo tempo, não afaste os jovens do sacramento. [...] Trata-se duma espécie de ‘iniciação’ ao sacramento do matrimônio, que lhes forneça os elementos necessários para poderem recebê-lo com as melhores disposições e iniciar com uma certa solidez a vida familiar.” (*Amoris laetitia*, 207).

³⁹ “O noivado é o tempo durante o qual os dois são chamados a fazer um bom trabalho sobre o amor, um trabalho partícipe e partilhado, que vai em profundidade. Descobrimo-nos a pouco e pouco reciprocamente: ou seja, o homem ‘aprende’ a mulher aprendendo esta mulher, a sua noiva; e a mulher ‘aprende’ o homem aprendendo este homem, o seu noivo. Não subestimemos a importância desta aprendizagem: é um compromisso bom, e o próprio amor o exige” (FRANCISCO, *Audiência geral*, 27 de maio de 2015).

pessoa humana, bem como uma “verdade” específica do ser homem e do ser mulher, que se deve acolher e aceitar, pois tudo aquilo que vai de contra estas “verdades” e as espezinha, mesmo dentro do matrimônio, gera mal-estar e sofrimento.⁴⁰

53. Há muitos outros aspectos ligados à realidade humana da pessoa e do casal que devem ser devidamente explorados: as dinâmicas humanas da sexualidade conjugal, a concepção correta de paternidade-maternidade responsável, a educação dos filhos... As catequese e ensinamentos cristãos devem contribuir para consolidar o conhecimento da verdade ligada ao matrimônio e à formação da consciência pessoal.⁴¹ Nesta fase, é proveitoso valorizar a experiência de cônjuges que já tem vários anos de matrimônio nas costas.

54. Pertence a este trabalho de aprofundamento da realidade humana, da pessoa e do casal, a tomada de consciência de possíveis carências psicológicas e/ou afetivas

⁴⁰ Cf. *Amoris laetitia*, 133-141.

⁴¹ “A preparação próxima [...] - desde a idade oportuna e com adequada catequese, como em forma de caminho catecumenal - compreende uma preparação mais específica, quase uma nova descoberta dos sacramentos. Esta catequese renovada de todos os que se preparam para o matrimônio cristão é absolutamente necessária, para que o sacramento seja celebrado e vivido com retas disposições morais e espirituais. A formação religiosa dos jovens deverá ser integrada, no momento conveniente e segundo as várias exigências concretas, numa preparação para a vida a dois que, apresentando o matrimônio como uma relação interpessoal do homem e da mulher em contínuo desenvolvimento, estimule a aprofundar os problemas da sexualidade conjugal e da paternidade responsável, com os conhecimentos médico-biológicos essenciais que lhe estão anexos, e os leve à familiaridade com métodos adequados de educação dos filhos, favorecendo a aquisição dos elementos de base para uma condução ordenada da família” (*Familiaris consortio*, 66); cf. também Pontifício Conselho para a Família, *Preparação para o sacramento do Matrimônio*, 35.

que possam enfraquecer ou até mesmo nulificar todo o empenho de doação e de amor recíproco que os cônjuges se prometem. No entanto, a descoberta dessas possíveis carências pessoais não deve necessariamente resolver-se no abandono da escolha de vida matrimonial, mas pode ser o estímulo para iniciar um processo mais sério de crescimento que prepare a pessoa para atingir uma condição de liberdade interior e maturidade psicológica suficiente para abraçar com alegria a vida conjugal.⁴²

55. O objetivo específico desta etapa é finalizar o discernimento de cada casal acerca da sua vocação nupcial. Isto pode conduzir à decisão livre, responsável e ponderada de contrair matrimônio, ou então levar à decisão, igualmente livre e ponderada, de pôr fim à relação e não se casar. Para dar “matéria” de discernimento ao casal, nesta etapa serão aprofundados não só a teologia do matrimônio, mas também muitos outros aspectos ligados à “prática” da vida matrimonial: as intenções que se deve ter com relação à vontade de comprometer-se pela vida toda e com respeito da prole, as eventuais incompatibilidades, as expectativas e a visão pessoal que cada qual tem sobre o amor e a vida conjugal. Trata-se de fazer-lhes entender a diferença entre “preparar-se para o dia do casamento” (*preparation of a wedding*) e “preparar-se para a vida matrimonial” (*preparation to a marriage*).

Os futuros cônjuges serão convidados a discernir com realismo e sinceridade – cada um por si e também juntos – se o caminho matrimonial corresponde àquilo que desejam e a que o Senhor os chama.⁴³ Este discernimento, que deve

⁴² Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Preparação para o sacramento do Matrimônio*, 36.

⁴³ “A preparação dos que já formalizaram o noivado, quando a co-

realizar-se no âmbito do diálogo espiritual, pessoal e de casal, não deve ser subestimado, dado que a experiência dos tribunais eclesiais mostra a extrema fragilidade de casais que, apesar da fé e do entusiasmo inicial, carecem dos requisitos fundamentais que seriam necessários para contrair matrimônio: capacidade e vontade.⁴⁴

56. Cada pessoa será acompanhada no seu próprio caminho de reflexão, de conversão e de compreensão do significado da vida matrimonial, seguindo sempre a lógi-

munidade paroquial consegue acompanhá-los com bom período de antecipação, deve dar-lhes também a possibilidade de individuar incompatibilidades e riscos. Assim é possível chegarem a dar-se conta de que não é razoável apostar naquela relação, para não se expor a um previsível fracasso que terá consequências muito dolorosas. O problema é que o deslumbramento inicial leva a procurar esconder ou relativizar muitas coisas, evitam-se as divergências, limitando-se assim a adiar as dificuldades para depois. Os noivos deveriam ser incentivados e ajudados a poderem expressar o que cada um espera dum eventual matrimônio, a sua maneira de entender o que é o amor e o compromisso, aquilo que se deseja do outro, o tipo de vida em comum que se quer projetar. Estes diálogos podem ajudar a ver que, na realidade, os pontos de contacto são escassos e que a mera atracção mútua não será suficiente para sustentar a união. Não há nada de mais volúvel, precário e imprevisível que o desejo, e nunca se deve encorajar uma decisão de contrair matrimônio se não se aprofundaram outras motivações que confirmam a este pacto reais possibilidades de estabilidade.” (*Amoris laetitia*, 209).

⁴⁴ O *ius connubii* (direito ao matrimônio) não constitui “uma pretensão subjetiva que deve ser satisfeita pelos pastores mediante um mero reconhecimento formal, independentemente do conteúdo efetivo da união. O direito de contrair matrimônio pressupõe que se possa e se deseje celebrá-lo realmente, portanto na verdade da sua essência tal como é ensinada pela Igreja. Ninguém pode ostentar o direito a uma cerimônia nupcial. De fato, o *ius connubii*, refere-se ao direito de celebrar um matrimônio autêntico. Por conseguinte, não se negaria o *ius connubii* no caso que fosse evidente que não subsistem as premissas para o seu exercício, isto é, se faltasse manifestamente a capacidade exigida para casar, ou se a vontade estabelecesse um objetivo que contrasta com a realidade natural do matrimônio.” (Bento XVI, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 22 de janeiro de 2011).

ca do respeito, da paciência e da misericórdia.⁴⁵ A lógica da misericórdia, todavia, nunca leva a ofuscar “exigências evangélicas de verdade e caridade propostas pela Igreja”,⁴⁶ e nunca se deverá renunciar a propor em toda a sua beleza e grandeza o desígnio divino sobre o amor humano e sobre o matrimônio.⁴⁷ Os ideais mais altos e nobres podem parecer exigentes e árduos, mas são os que atraem mais poderosamente o espírito humano, estimulam-no a superar-se e conferem valor e dignidade à nossa existência terrena.

57. Com relação a isso, nunca deve faltar à Igreja a coragem de propor a preciosa virtude da castidade,⁴⁸ por

⁴⁵ “Acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia, dando lugar à misericórdia do Senhor que nos incentiva a praticar o bem possível.” (*Amoris laetitia*, 308); cf. também *Amoris laetitia*, 295.

⁴⁶ *Amoris laetitia*, 300.

⁴⁷ “De modo algum, deve a Igreja renunciar a propor o ideal pleno do matrimônio, o projeto de Deus em toda a sua grandeza: ‘É preciso encorajar os jovens batizados para não hesitarem perante a riqueza que o sacramento do matrimônio oferece aos seus projetos de amor, com a força do apoio que recebem da graça de Cristo e da possibilidade de participar plenamente na vida da Igreja’. A tibieza, qualquer forma de relativismo ou um excessivo respeito na hora de propor o sacramento seriam uma falta de fidelidade ao Evangelho e também uma falta de amor da Igreja pelos próprios jovens. A compreensão pelas situações excepcionais não implica jamais esconder a luz do ideal mais pleno, nem propor menos de quanto Jesus oferece ao ser humano. Hoje, mais importante do que uma pastoral dos falimentos é o esforço pastoral para consolidar os matrimônios e assim evitar as rupturas.” (*Amoris laetitia*, 307).

⁴⁸ “É necessário lembrar a importância das virtudes. Dentre elas, resulta ser condição preciosa para o crescimento genuíno do amor interpessoal a castidade” (*Amoris laetitia*, 206); “A castidade é a liberdade da posse em todos os campos da vida. Um amor só é verdadeiramente tal, quando é casto. O amor que quer possuir, acaba sempre por se tornar perigoso: prende, sufoca, torna infeliz. O próprio Deus amou o homem com amor casto, deixando-o livre inclusive de errar e opor-se a Ele. A lógica do amor é sempre uma lógica de liberdade” (*Patris corde*, 7).

mais que esteja atualmente em conflito direto com a mentalidade comum. A castidade deve ser apresentada como uma autêntica “aliada do amor”, não como a sua negação. É a via privilegiada para aprender a respeitar a individualidade e a dignidade do outro, sem subordiná-lo aos seus próprios desejos. A castidade ensina aos nubentes os tempos e formas do amor verdadeiro, delicado e generoso, e prepara para o autêntico dom de si, a viver durante toda a vida no matrimônio.⁴⁹

É importante, pois, mostrar que a virtude da castidade não tem só uma dimensão negativa, que pede a todos, cada qual segundo o seu estado de vida, de abster-se do uso desordenado da sexualidade, mas possui também uma importantíssima dimensão positiva de liberdade da posse do outro – no plano físico, moral e espiritual – que, no caso da chamada ao matrimônio, é de importância fundamental para orientar e alimentar o amor conjugal, preservando-o de qualquer manipulação. Em última instância, a castidade ensina, em todos os estados de vida, a ser fiéis à verdade do próprio amor. Isto significará, para os namorados, viver a castidade na continência e, uma vez casados, viver a intimidade conjugal com retidão moral.⁵⁰

⁴⁹ “Não pode faltar, neste período, também uma leal e corajosa educação para a castidade, para o amor como dom de si. A castidade não é mortificação do amor, mas condição de autêntico amor. De fato, se a vocação ao amor conjugal é vocação ao dom de si no matrimônio, é necessário chegar a possuir-se verdadeiramente a si mesmo para se poder doar.” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Preparação para o sacramento do Matrimônio*, 24).

⁵⁰ “A castidade deve qualificar as pessoas segundo os seus diferentes estados de vida: uns, na virgindade ou celibato consagrado, forma eminente de se entregarem mais facilmente a Deus com um coração indiviso; outros, do modo que a lei moral para todos determina, e conforme são casados ou solteiros. As pessoas casadas são chamadas a viver a castidade

A castidade vivida na continência permite que a relação amadureça gradualmente e de modo profundo. Com efeito, quando, como acontece espesso, a dimensão sexual-genital torna-se o elemento principal, se não o único, que mantém unido um casal, todos os outros aspectos inevitavelmente passam ao segundo plano ou são ofuscados, e a relação não progride. A castidade vivida na continência, pelo contrário, facilita o conhecimento recíproco entre os namorados, porque, evitando que a relação se fixe na instrumentalização física do outro, permite um diálogo mais profundo, uma manifestação mais livre do coração e o aparecimento e todos os aspectos da personalidade de cada um – aspectos humanos e espirituais, intelectuais e emotivos – de modo a proporcionar um verdadeiro crescimento na relação, na comunhão pessoal, na descoberta da riqueza e dos limites do outro: nisso consiste a verdadeira finalidade do tempo do noivado.⁵¹ Ainda que se fale a casais que vivem juntos, nunca é inútil falar da virtude da castidade. Tal virtude ensina a cada batizado, em quaisquer condições de vida, o reto uso da sua sexualidade, e por isto, mesmo na vida de casados, é de suma utilidade. Como esposos, revela-se de forma ainda mais evidente a importância dos

conjugal; as outras praticam a castidade na continência. [...] Os noivos são chamados a viver a castidade na continência. Eles farão, neste tempo de prova, a descoberta do respeito mútuo, a aprendizagem da fidelidade e da esperança de se receberem um ao outro de Deus. Reservarão para o tempo do matrimônio as manifestações de ternura específicas do amor conjugal. Ajudar-se-ão mutuamente a crescer na castidade.” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2349-2350).

⁵¹ “Sim, muitos casais estão juntos muito tempo, talvez até na intimidade, por vezes convivendo, mas não se conhecem deveras. Parece estranho, mas a experiência demonstra que é assim. Por isso deve ser reavaliado o noivado como tempo de conhecimento recíproco e de partilha de um projeto.” (FRANCISCO, *Audiência geral*, 27 de maio de 2015).

valores e atenções que a virtude da castidade ensina: o respeito do outro, o cuidado de nunca submetê-lo aos meus próprios desejos, a paciência e a delicadeza com o cônjuge nos momentos de dificuldade, física e espiritual, a fortaleza e o autodomínio necessários nos tempos de ausência ou de doença de um dos cônjuges, etc.⁵² Ainda nesse contexto, a experiência dos esposos cristãos será importante para explicar a importância desta virtude dentro do matrimônio e da família.

58. Uma atenção particular deve ser dirigida ao método espiritual a seguir nesta etapa de preparação próxima. Neste tempo de formação e de iniciação, é necessário que a transmissão de conteúdos teóricos venha acompanhada pela proposta de um caminho espiritual que preveja experiências de oração (pessoal, comunitária e de casal), celebrações dos sacramentos, retiros espirituais, momentos de adoração eucarística, experiências missionárias, ou atividades caritativas (conforme os contextos pastorais).

59. Ao fim desta etapa, e como sinal do ingresso na etapa seguinte de preparação imediata, pode acontecer o rito do noivado. Este rito – com a bênção dos noivos e do anel de noivado (nos lugares onde se utiliza esse costume) – assume o seu sentido pleno somente quando é celebrado e vivido na fé, a partir do momento em que nele se pede ao Senhor as graças necessárias para crescer no amor e preparar-se dignamente para o sacramento do Matrimônio.⁵³ A escolha do momento mais oportuno para a celebração deste rito será personalizada, em diálogo com os membros da equipe dos acompanhadores e com o ministro ordenado.

⁵² Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2348-2350.

⁵³ Cf. Ritual de bênçãos, 202, 212.

60. O rito do noivado, no seu valor pessoal e eclesial, deve certamente ser reavaliado como um momento significativo do caminho de fé em direção ao sacramento nupcial. Neste rito, a Igreja “entrega” aos casais a missão do noivado, que consiste no discernimento. Ritualizando este momento, os casais tornam-se mais conscientes do fato que, nos meses seguintes, são chamados a alcançar uma certeza interior no que diz respeito à decisão de casar-se e com relação à pessoa com quem se vão casar. À luz do prudente juízo humano e à luz da fé, cada um deve conseguir formular no seu coração esta conclusão sobre o seu futuro cônjuge: é ele/a o/a companheiro/a que vai viver sempre comigo uma relação de amor autêntico, fiel e duradouro, e com o/a qual vamos construir juntos a nossa futura família; é o/a companheiro/a que o Senhor me deu para percorrermos juntos um caminho de santidade, que será pai/mãe comigo dos filhos que Ele nos dará, e com o/a qual hei de viver por toda a vida a “missão” do nosso casamento. Chegar a esta certeza é a “missão” de discernimento que a Igreja confia à responsabilidade dos casais, convidando-os a acolhê-la com a devida seriedade.

61. O rito do noivado deve ser entendido como uma “promessa de matrimônio”.⁵⁴ Desta promessa, todavia, não decorre de forma alguma uma obrigação legal de contrair matrimônio, e sempre se salvaguarda a liberdade do contraente de exprimir o consentimento matrimonial. Além disso, a celebração do rito não deve ser de forma alguma confundida com a do matrimônio. Portanto, recomenda-

⁵⁴ “A promessa de matrimônio, [...] chamada esponsais, rege-se pelo direito particular, que tenha sido estabelecido pela Conferência episcopal, tendo em consideração os costumes e as leis civis, se existirem.” (CDC, can. 1062).

-se nunca unir os “esponsais” (noivado, ou promessa de matrimônio) ou uma bênção particular dos noivos com a celebração da Missa.⁵⁵ O esquema da celebração deve ser simples e sóbrio: ritos iniciais, proclamação da Palavra de Deus, oração dos fiéis, eventuais “sinais de compromisso” (p. ex., troca de alianças de noivado), bênção e conclusão do rito. É importante recordar explicitamente o tema da vocação nupcial, e fazer com que as leituras bíblicas e orações pelos casais sejam centradas no amor conjugal, purificado, reforçado, feito estável e generoso pelo próprio amor de Deus derramado nos corações humanos.

62. O fato de que, nesta fase, os namorados mudam de “status” e passam a ser noivos reveste uma importância notável, e deve ser compreendido também na sua importância social e eclesial. Para os que moram juntos, por exemplo, pode tornar-se uma ajuda para “objetivar” a sua relação, – talvez percebida por alguns deles apenas em chave pessoal e “privada” – dando-lhes um respiro público que pode fazê-los sentirem-se parte de uma comunidade acolhedora, que os acompanha e que se preocupa com a sua união. Para todos, é um convite a perceber que a condição futura de “cônjuges”, à qual se preparam, vai muito além de uma relação afetiva na esfera privada, das experiências emotivas, e dará vida a uma realidade nova, a família, que tem um papel fundamental social e eclesial.⁵⁶

⁵⁵ Cf. Ritual de bênçãos, 198.

⁵⁶ “No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos. O matrimônio tende a ser visto como mera forma de gratificação afetiva, que se pode constituir de qualquer maneira e modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um. Mas a contribuição indispensável do matrimônio à sociedade supera o nível da

63. Em resumo, as finalidades da preparação próxima são: a) repropor uma catequese de iniciação à fé cristã e uma aproximação à vida eclesial; b) fazer viver uma iniciação específica ao sacramento do Matrimônio e chegar à clara consciência das suas notas essenciais; c) aprofundar os temas ligados à relação de casal e tomar consciência das suas próprias carências psicológicas e afetivas; d) levar a cabo uma primeira fase do discernimento do casal acerca da vocação nupcial; e) continuar com mais decisão um caminho espiritual.⁵⁷

Segunda etapa: preparação imediata

64. Nos meses que antecedem a celebração do matrimônio, acontece a preparação imediata às núpcias.⁵⁸ O início desta nova etapa poderá ser marcado por um breve retiro espiritual e pela entrega de um objeto simbólico, por exemplo, uma oração que os casais podem rezar juntos ao encontrar-se.

65. Será oportuno recordar os conteúdos principais do caminho de preparação percorrido até aqui: insistir-se-á sobre as condições indispensáveis de liberdade (no casal e do casal) e de plena consciência dos compromissos que se assumem com a escolha que estão por fazer, ligados às carac-

afetividade e o das necessidades ocasionais do casal. Como ensinam os Bispos franceses, não provém 'do sentimento amoroso, efêmero por definição, mas da profundidade do compromisso assumido pelos esposos que aceitam entrar numa união de vida total' (*Evangelii gaudium*, 66).

⁵⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Preparação para o sacramento do Matrimônio*, 45-46.

⁵⁸ "A preparação imediata para a celebração do sacramento do matrimônio deve ter lugar nos últimos meses e semanas que precedem as núpcias" (*Familiaris consortio*, 66).

terísticas essenciais do matrimônio (indissolubilidade, unidade, fidelidade, fecundidade) e que serão o objeto específico das entrevistas previstas canonicamente com o pároco.⁵⁹

Ao mesmo tempo, deve-se recordar os aspectos doutrinários, morais e espirituais do matrimônio. Deste modo, será possível retomar com proveito pontos essenciais da iniciação ao sacramento do Matrimônio já realizada na fase anterior de preparação próxima, ou pode-se apresentá-la como um verdadeiro “anúncio do Evangelho do Matrimônio” para casais que não provêm desse caminho prévio.⁶⁰ Por diversas circunstâncias, é possível que alguns casais sejam inseridos só a partir deste ponto no itinerário cate-

⁵⁹ É proveitoso que o conteúdo dessas entrevistas se torne objeto de uma catequese explícita, para que, quando acontecerem, não sejam vividas pelo casal como uma pura formalidade, mas como um momento de livre aceitação dos compromissos conjugais e de plena responsabilidade. Quanto a isso, tenha-se presente as palavras de Bento XVI: “Entre os meios para verificar que o projeto dos nubentes seja realmente conjugal, sobressai o exame pré-matrimonial. Este exame tem uma finalidade principalmente jurídica: certificar que nada impeça a válida e lícita celebração das núpcias. Portanto, jurídico não significa formalístico, como se se tratasse de uma passagem burocrática que consiste em preencher um formulário com base em perguntas rituais. Ao contrário, trata-se de uma ocasião pastoral única – que deve ser valorizada com toda a seriedade e a atenção que exige – na qual, através de um diálogo totalmente respeitoso e cordial, o pastor procura ajudar a pessoa a colocar-se seriamente perante a verdade acerca de si mesma e da própria vocação humana e cristã para o matrimônio. Neste sentido o diálogo, sempre guiado separadamente com os dois noivos – sem minimizar a conveniência de outros colóquios com o casal – requer um clima de total sinceridade, no qual se deveria acentuar o facto de que os próprios contraentes são os primeiros interessados e responsáveis em consciência para celebrar um matrimônio válido” (Bento XVI, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 22 de janeiro de 2011).

⁶⁰ Cf. *Amoris laetitia*, 59-66.

cumenal e que a preparação imediata constitua para estes a única possibilidade concreta de receber um mínimo de formação em vista da celebração do sacramento do Matrimônio. Para estes, seria oportuno prever algumas entrevistas personalizadas com a equipe pastoral de preparação para o matrimônio, para fazê-los sentirem cuidado e atenção, para aprofundarem juntos alguns aspectos mais pessoais da escolha pelo matrimônio, segundo a realidade do casal (que talvez coabite há muito tempo), para fazer nascer uma relação de confiança, cordialidade e amizade com os casais acompanhadores. Ao mesmo tempo, é útil fazer os “novos” casais – que não provêm do percurso da preparação próxima – participarem também nos encontros de grupo, para que se sintam acolhidos e inseridos no contexto eclesial num tempo relativamente breve.

66. Haverá, pois, experiências espirituais especificamente pensadas para os casais (escuta da Palavra, celebração dos sacramentos, momentos de oração pessoal e comunitária) para colocar sempre ao centro o encontro com o Senhor, como fonte de toda a vida cristã. Com efeito, existe sempre a necessidade de levantar-se por cima de uma mera visão sociológica do casamento para fazer os esposos entenderem o mistério que este implica, e, de maneira mais geral, compreenderem toda a dinâmica espiritual da vida cristã que está na base dele.

67. Será útil, para isso, reformular o anúncio *kerigmático* da redenção de Cristo que nos salva da realidade do pecado, que sempre está à frente da vida do homem. Os esposos nunca devem esquecer-se de que, em última instância, é o pecado a verdadeira ameaça ao seu amor.⁶¹

⁶¹ Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1606-1608.

Muito mais grave do que qualquer carência psicológica ou de qualquer dinâmica interpessoal imperfeita, é o afastamento de Deus que desencadeia no coração do homem uma espiral de fechamento e egoísmo que entrava o verdadeiro amor, porque impede a abertura, o respeito e a generosidade para com o outro. Logo, para poder crescer a cada dia no amor recíproco, é indispensável dominar, com o auxílio da graça, o pecado que “está à espreita” à porta do coração (*Gn 4, 7*) e, além disso, recorrer ao perdão de Deus que, no sacramento da Reconciliação, prodigaliza o seu amor, que é mais forte do que qualquer pecado.⁶²

68. Aproximando-se o casamento, é bom que os casais tomem consciência de que já não são espectadores, mas, em nome de Cristo, ministro da celebração do seu próprio matrimônio. Donde a importância de dedicar um amplo espaço à preparação litúrgica dos casais, ou seja, à plena compreensão dos gestos e significados próprios do rito do casamento.⁶³ O ritual para a liturgia nupcial contém em si

⁶² “A celebração deste sacramento dá à vida familiar um significado particular: ao descobrirem pela fé como o pecado contradiz não só a aliança com Deus, mas também a aliança dos cônjuges e a comunhão da família, os esposos e todos os membros da família são conduzidos ao encontro com Deus ‘rico em misericórdia’ (*Ef 2, 4*), o qual, prodigalizando o seu amor que é mais forte do que o pecado, reconstrói e aperfeiçoa a aliança conjugal e a comunhão familiar.” (*Familiaris consortio*, 58).

⁶³ “Na preparação mais imediata, é importante esclarecer os noivos para viverem com grande profundidade a celebração litúrgica, ajudando-os a compreender e viver o significado de cada gesto. Lembremo-nos de que um compromisso tão grande como este expresso no consentimento matrimonial e a união dos corpos que consuma o matrimônio, quando se trata de dois batizados, só podem ser interpretados como sinais do amor do Filho de Deus feito carne e unido com a sua Igreja em aliança de amor. Nos batizados, as palavras e os gestos transformam-se numa linguagem que manifesta a fé. [...] Às vezes, os noivos não percebem o peso teológico e espiritual do consentimento, que ilumina o significado de todos os

mesmo um itinerário pedagógico, que abrange a riqueza das dimensões antropológicas (a vida das pessoas), bíblicas (o desígnio de Deus para a família), eclesiais (a missão da família na Igreja e no mundo), espirituais (o caminho de conversão e de resposta à ação do Espírito), de modo a constituir o traçado de um percurso por essa etapa. Os casais deverão ser esclarecidos sobre o valor extraordinário de “sinal sacramental” que a sua vida conjugal se prepara a adquirir: com o rito das núpcias, tornar-se-ão sacramento permanente de Cristo que ama a Igreja. Tal como os ministros ordenados são chamados a serem “ícones vivos” de Cristo sacerdote, assim também os cônjuges cristãos são chamados a se tornarem “ícones vivos” de Cristo esposo. Mais do que palavras, é o próprio modo de viver e relacionar-se dos casais que deveria fazer presente no mundo o amor generoso e total com o qual Cristo ama a Igreja e a humanidade inteira.⁶⁴ E efetivamente é esse o testemunho extraordinário que tantos cônjuges cristãos dão ao mundo: a sua capacidade de entrega recíproca e para com os filhos, e a sua capacidade de fidelidade, paciência, perdão e compaixão são tais que deixa entrever uma “fonte sobrenatural” na base da sua relação, um “algo a mais” huma-

gestos sucessivos. É necessário salientar que aquelas palavras não podem ser reduzidas ao presente; implicam uma totalidade que inclui o futuro” (*Amoris laetitia*, 213-214).

⁶⁴ “O sacramento não é uma ‘coisa’ nem uma ‘força’, mas o próprio Cristo, na realidade, vem ao encontro dos esposos cristãos [...]. O matrimônio cristão é um sinal que não só indica quanto Cristo amou a sua Igreja na Aliança selada na Cruz, mas torna presente esse amor na comunhão dos esposos. Quando se unem numa só carne, representam o desposório do Filho de Deus com a natureza humana. [...] Embora a analogia entre o casal marido-esposa e Cristo-Igreja seja uma analogia imperfeita, convida a invocar o Senhor para que derrame o seu amor nas limitações das relações conjugais” (*Amoris laetitia*, 73).

namente inexplicável, que alimenta incessantemente o seu amor, até fazê-lo parecer quase heroico.⁶⁵

69. Com vistas à celebração do matrimônio, tenha-se o cuidado de envolver os esposos na escolha das leituras para A Missa e eventualmente também nas opções previstas para outras partes do rito (por exemplo, as diversas opções de rito de entrada, de momentos da bênção nupcial, de fórmulas para a oração dos fiéis, de cantos, etc.). Um aspecto sobre o qual se deve insistir bastante é a consciência de uma nova efusão do Espírito Santo durante o rito nupcial que, inserindo-se no dinamismo de graça iniciado no Batismo, confere uma nova conotação à caridade divina infundida em nós no próprio Batismo e que assume agora os traços da “caridade conjugal”. Com essa nova efusão do Espírito, o coração dos esposos é renovado, e o seu amor conjugal orienta-se e transforma-se num amor que tem em si a profundidade e a força inesgotável do amor divino, a saber, exatamente a “caridade conjugal”.⁶⁶

⁶⁵ “Vem ao meu pensamento o milagre da multiplicação dos pães: também para vós, o Senhor pode multiplicar o vosso amor e conceder-vô-lo vigoroso e bom todos os dias. Ele possui uma reserva infinita de amor! E oferece-vos o amor que está no fundamento da vossa união, enquanto o renova todos os dias, fortalecendo-o. Além disso, torna-o ainda maior quando a família cresce com os filhos” (FRANCISCO, *Discurso aos noivos que se preparam para o matrimônio*, 14 de fevereiro de 2014).

⁶⁶ Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1624: “Na epiclesse deste sacramento, os esposos recebem o Espírito Santo como comunhão do amor de Cristo e da Igreja. É Ele o selo da aliança de ambos, a nascente sempre oferecida do seu amor, a força pela qual se renovará a sua fidelidade”; cf. também *Amoris laetitia*, 120. Há diversas epicleses presentes no rito do matrimônio; entre elas, podemos citar (segundo a tradução portuguesa para o Brasil da segunda edição típica do *Ordo Celebrandi Matrimonium* aprovada pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos com o decreto Prot. n. CD 2161/92 de 11 de março de 1993); a oração ao fim da invocação dos santos: “Infundi, Senhor, nos corações desses esposos o es-

Até mesmo os santos invocados na ladainha atuam como intercessores desta efusão. Seria de grande ajuda para os esposos poder invocar santos/beatos dos nossos tempos, que já viveram a experiência de ser maridos e mulheres, pais e mães, e também os santos intercessores, importantes para os nubentes, de modo a valorizar a dignidade do estado de vida matrimonial na comunidade eclesial e ajudar a compreender a beleza e a força deste sacramento na economia da salvação.

70. Poucos dias antes do casamento, é de grande utilidade um retiro espiritual de uma ou dois dias. Embora possa parecer irrealista, sendo tantas as ocupações devidas à organização do casamento, constata-se que, sempre que foi realizado, trouxe grandes benefícios. Precisamente a ansiedade pelas muitas tarefas práticas associadas à iminente celebração pode distrair a mente dos esposos daquilo que mais importa: a celebração do sacramento e o encontro com o Senhor que vem “habitar” o seu amor humano, enchendo-o com o seu amor divino. A ansiedade excessiva sobre “coisas para fazer” pode causar distração e risco de deixar para o segundo plano toda a preparação espiritual que vem ocorrendo há meses. Neste sentido, um breve retiro

pírito do vosso amor, para que sejam um só coração e uma só alma, e nada possa separar os que unistes, nem afligir os que abençoastes. Por Cristo, nosso Senhor.” epiclese na oração de bênção nupcial (primeira fórmula): “Volvei o vosso olhar de bondade sobre estes vossos filhos, que, unidos pelo vínculo do Matrimônio, esperam ser fortalecidos pela vossa bênção: enviai sobre eles a graça do Espírito Santo, para que, impregnados da vossa caridade, permaneçam fiéis na aliança conjugal.” na oração de bênção nupcial (segunda fórmula): “Abençoai agora estes vossos filhos, estendendo sobre eles a vossa mão protetora, e infundi em seus corações a força do Espírito Santo. Concedei a N. e N. que, pelo sacramento do Matrimônio, comuniquem um ao outro os dons do vosso amor, e, sendo um para o outro um sinal da vossa presença, se tornem um só coração e uma só alma”.

no período que antecede o casamento pode ajudar a recen-
trar-se no essencial, a tirar os olhos das coisas secundárias
e a voltá-los para o Senhor, que vem ao encontro dos noi-
vos e leva à plenitude a vocação para a qual os chamou.
Caso um verdadeiro retiro seja impossível, uma alternativa
poderia ser um tempo de oração mais curto para esse fim
(por exemplo, um encontro noturno, nos moldes de uma
“vigília de oração”). Na proposta concreta, em qualquer
dos casos, leve-se em consideração os compromissos con-
cretos na vida dos casais em questão e a suas reais possibi-
lidades de fazer esse tempo de retiro antes da celebração
do casamento, a fim de não tornar essa proposta inviável.

71. No período que antecede o casamento – seja no
contexto do referido retiro espiritual ou da “vigília de
oração” como noutro contexto – é de grande importância a
celebração do sacramento da Reconciliação.⁶⁷ A experiência
demonstra que receber o perdão de Deus – se necessário,
também por meio de uma confissão mais profunda da vida
passada – dispõe os cônjuges melhor do que qualquer ou-
tra coisa a acolher a graça que Deus tem reservada para
eles no sacramento do Matrimônio, já que remove o senti-
mento de culpa profunda que se vai “arrastando” do pas-
sado, dá a paz interior, orienta o espírito para a graça e a
misericórdia de Deus e para todo o que realmente conta,
tirando a atenção dos aspectos puramente materiais do
casamento. Além disso, a confissão por ocasião do matri-
mônio, às vezes depois de anos de “fuga” do sacramento
da Reconciliação, é para muitos um momento de retorno à
prática sacramental. Se possível, pode-se pensar também
em realizar uma celebração comunitária do sacramento
da Reconciliação, envolvendo as famílias de origem dos

⁶⁷ Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1622; Pontifício Conselho para a
Família, *Preparação para o sacramento do Matrimônio*, 53.

nubentes, as testemunhas e padrinhos e todos os que quiserem participar, para que o dom da misericórdia divina também seja derramado nas famílias de origem dos noivos, sempre necessitadas de reconciliação no seu interior e de serem edificadas na comunhão. Dessa forma, todos os que tomarão parte no casamento terão ajuda para viverem este momento com a disposição interior adequada.

72. O envolvimento dos pais, testemunhas e familiares próximos em uma oração antes do casamento, mesmo fora da celebração da Confissão, pode ser uma excelente oportunidade para todos de se reunirem ao redor do novo casal; para os esposos, de receberem a bênção dos pais, como é tradição na Bíblia (cf. *Tb* 10, 11-13; 11, 17); para os parentes e amigos, de compreenderem que os noivos representam e tornam visível a comunidade eclesial, que acolhe a nova família dentro da grande família da Igreja e que sente a responsabilidade de apoiar os esposos.

73. Em resumo, os objetivos da preparação imediata são: a) recordar os aspectos doutrinários, morais e espirituais do matrimônio (explicitando também os conteúdos espirituais das entrevistas canônicas prescritas); b) viver experiências espirituais de encontro com o Senhor; c) preparar para uma participação consciente e frutuosa na liturgia do casamento.⁶⁸

Terceira etapa: acompanhar os primeiros anos de vida matrimonial

74. O itinerário catecumenal não termina com a celebração do matrimônio. Esta, mais do que um ato isolado,

⁶⁸ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Preparação para o sacramento do Matrimônio*, 50-58.

deve ser vista como a entrada num “estado permanente”, que requer, portanto, uma “formação permanente”, feita de reflexão, diálogo e ajuda por parte da Igreja.⁶⁹ Por isso, é necessário “escoltar” pelo menos os primeiros anos da vida conjugal⁷⁰ e não deixar os recém-casados sozinhos.⁷¹

75. É preciso sensibilizar os recém-casados sobre o fato de que a celebração do matrimônio é o início de um caminho, e que o casal continua a ser um “projeto aberto”, não uma “obra concluída”.⁷² É bom, portanto, que os recém-

⁶⁹ “A preparação para o matrimônio cristão pode-se classificar como um itinerário de fé, que não termina com a celebração do matrimônio, mas que continua em toda a vida familiar, e assim a nossa prospectiva não se encerra no matrimônio como ato, no momento da celebração, mas como estado permanente” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Preparação para o sacramento do Matrimônio*, 16).

⁷⁰ “maior eficácia do cuidado pastoral realiza-se onde o acompanhamento não acaba com a celebração das bodas, mas guia pelo menos os primeiros anos de vida conjugal. Mediante diálogos com cada casal e momentos comunitários, trata-se de ajudar os jovens esposos a adquirir os instrumentos e os apoios para viver a sua vocação. E isto não pode acontecer a não ser através de um percurso de crescimento na fé dos próprios casais” (FRANCISCO, *Discurso aos participantes no curso de formação promovido pelo Tribunal da Rota Romana*, 27 de setembro de 2018).

⁷¹ “Torna-se indispensável o acompanhamento dos esposos nos primeiros anos de vida matrimonial, para enriquecer e aprofundar a decisão consciente e livre de se pertencerem e amarem até ao fim. Muitas vezes o tempo de noivado não é suficiente, a decisão de casar-se apressa-se por várias razões e, como se não bastasse, atrasou a maturação dos jovens. Assim os recém-casados têm de completar aquele percurso que deveria ter sido feito durante o noivado” (*Amoris laetitia*, 217).

⁷² “A aliança de amor entre o homem e a mulher, aliança para a vida, não se improvisa, não se faz de um dia para outro [...], é preciso trabalhar sobre o amor, é necessário caminhar. A aliança do amor do homem e da mulher aprende-se e aperfeiçoa-se. Permite que eu diga que é uma aliança artesanal. Fazer de duas vidas uma só, é quase um milagre, um milagre da liberdade e do coração, confiado à fé” (FRANCISCO, *Audiência geral*, 27 de maio de 2015).

casados sejam assistidos nessa fase inicial em que começam a pôr em prática o “plano de vida” que se inscreve no matrimônio, mas que ainda não está plenamente realizado. A graça contida no sacramento, com efeito, não age de modo automático, mas requer que os cônjuges cooperem com ela, assumindo responsabilmente as tarefas e os desafios que a vida conjugal apresenta.⁷³

76. Para realizar tudo isso, propor-se-á aos casais continuar o itinerário catecumenal, com encontros regulares – eventualmente mensais ou com outra periodicidade, a discrição da equipe de acompanhadores e segundo as possibilidades do casal – e outros momentos, tanto comunitários como de casal.⁷⁴ Se, ao casar-se, o casal muda de casa e de paróquia, será bom que possa integrar-se na nova paróquia e seja por ela convidada aos itinerários de acompanhamento dos esposos da nova comunidade.

77. Este é o tempo oportuno para uma verdadeira “mistagogia matrimonial”. Com o termo “mistagogia” entende-se uma “introdução ao mistério”, ou seja, um tipo

⁷³ “A união é real, é irrevogável e foi confirmada e consagrada pelo sacramento do matrimônio; mas, ao unir-se, os esposos tornam-se [com Jesus presente em meio a eles] protagonistas, senhores da sua própria história e criadores dum projeto que deve ser levado para a frente conjuntamente. [...] O ‘sim’ que deram um ao outro é o início dum itinerário, cujo objetivo se propõe superar as circunstâncias que surgirem e os obstáculos que se interpuserem. A bênção recebida é uma graça e um impulso para este caminho sempre aberto. Habitualmente ajuda sentar-se a dialogar para elaborar o seu projeto concreto com os seus objetivos, meios, detalhes.” (*Amoris laetitia*, 218).

⁷⁴ “É desejável que os jovens casais sejam oportunamente acompanhados, especialmente nos primeiros cinco anos de vida conjugal, por cursos pós-matrimoniais, que se desenvolvam nas paróquias ou vigararias forâneas” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Preparação para o sacramento do Matrimônio*, 73).

particular de catequese que os pastores da Igreja dos primeiros séculos davam aos recém-batizados para fazê-los compreender o que havia acontecido no Batismo que receberam durante a solene Vigília Pascal.⁷⁵ A catequese mistagógica costumava ser pontuado por perguntas retóricas do tipo: “Sabeis o que recebestes?”, “sabeis o que operou em vós o Senhor?” Esta catequese, então, depois da celebração do Batismo, visava conduzir pouco a pouco à plena compreensão deste, compreensão primeiramente ritual e simbólica – através da explicação do conteúdo espiritual de cada aspecto do rito – mas também nas suas consequências morais e existenciais, no sentido de que eram esclarecidos sobre as implicações de vida concreta do que tinha sido celebrado.

Este estilo de catequese mistagógica pode-se aplicar ao matrimônio. Repassando os diferentes momentos do rito nupcial, poder-se-ia aprofundar o seu rico significado simbólico e espiritual e as suas consequências concretas na vida conjugal: a troca de consentimentos (o que está na base do casamento não é um sentimento passageiro, mas a vontade de unir-se, vontade que sempre se deve fortalecer),⁷⁶ a bênção dos sinais que se recordam o matrimônio, por exemplo, as alianças (a promessa de fidelidade que sempre se deve renovar),⁷⁷ a bênção solene dos esposos (a graça de Deus que desce sobre a relação humana, assume-a e santifica-a, e à qual se deve permanecer sempre aberto)⁷⁸, a memória dos esposos no coração da oração eucarística (mergulhar sempre o amor conjugal no

⁷⁵ Cf., por exemplo, Cirilo de Jerusalém – João de Jerusalém, *Catequese mistagógicas*; Ambrósio de Milão, *De Sacramentis*; *De Mysteriis*.

⁷⁶ Cf. *Amoris laetitia*, 133-135; 143-146; 163-164; 321-323.

⁷⁷ Cf. *Amoris laetitia*, 125; 147-152; 319-320.

⁷⁸ Cf. *Amoris laetitia*, 77; 120-124.

mistério pascal de Cristo para revigorá-lo e torna-lo cada vez mais profundo.⁷⁹ No fundo, com a catequese mistagógica matrimonial, assim como na batismal, o convite que se faz é: “Tornai-vos aquilo que sois! Agora sois esposos: vivei, pois, como esposos! O Senhor abençoou e ‘encheu’ de graça a vossa união, então fazei frutificar esta graça!” Para tanto, é necessário fazer com que os esposos percebam a presença de Cristo, não só nos outros sacramentos, mas também no próprio sacramento do Matrimônio. Cristo está presente entre eles como esposos: Ele alimenta quotidianamente a relação deles, e os esposos podem dirigir-se a Ele juntos em oração. A graça do sacramento age entre eles e manifesta-se na vida concreta. Portanto, deve-se ajudar os esposos a enxergar os “sinais” da presença de Cristo na sua união.⁸⁰

Muitas vezes, acontece de a atenção dos jovens esposos se concentrar na necessidade de ganhar dinheiro e nos filhos, descuidando o trabalho sobre a qualidade da relação mútua e esquecendo a presença de Deus no seu amor. Vale a pena ajudar os jovens casais a encontrar o tempo para aprofundar a sua amizade e para acolher a graça de Deus. Certamente a castidade pré-matrimonial favorece este caminho, pois dá tempo aos novos esposos de estarem

⁷⁹ Cf. *Amoris laetitia*, 72-75; 317-318.

⁸⁰ “Toda a vida em comum dos esposos, toda a rede de relações que hão de tecer entre si, com os seus filhos e com o mundo, estará impregnada e robustecida pela graça do sacramento que brota do mistério da Encarnação e da Páscoa, onde Deus exprimiu todo o seu amor pela humanidade e Se uniu intimamente com ela. Os esposos nunca estarão sós, com as suas próprias forças, a enfrentar os desafios que surgem. São chamados a responder ao dom de Deus com o seu esforço, a sua criatividade, a sua perseverança e a sua luta diária, mas sempre poderão invocar o Espírito Santo que consagrou a sua união, para que a graça recebida se manifeste sem cessar em cada nova situação” (*Amoris laetitia*, 74).

juntos, de conhecer-se melhor, sem pensar imediatamente na procriação e no crescimento dos filhos.

78. Desde o início da vida matrimonial, é importante receber uma ajuda concreta para viver serenamente a relação interpessoal. São muitas as coisas novas para aprender: aceitar a diferença do outro que se manifesta de imediato;⁸¹ não ter expectativas irrealistas sobre a vida a dois e considerá-la como um caminho de crescimento;⁸² gerir os conflitos que inevitavelmente vão aparecendo;⁸³ conhecer as diversas fases pelas quais toda relação de amor passa;⁸⁴ dialogar para encontrar um equilíbrio entre as necessidades pessoais, as de casal e as de famílias;⁸⁵ adquirir cos-

⁸¹ “O olhar volta-se para o futuro, que é preciso construir dia-a-dia com a graça de Deus e, por isso mesmo, não se pretende do cônjuge que seja perfeito. É preciso pôr de lado as ilusões e aceitá-lo como é: inacabado, chamado a crescer, em caminho. Quando o olhar sobre o cônjuge é constantemente crítico, isto indica que o matrimônio não foi assumido também como um projeto a construir juntos, com paciência, compreensão, tolerância e generosidade. Isto faz com que o amor seja substituído pouco a pouco por um olhar inquisidor e implacável, pelo controle dos méritos e direitos de cada um, pelas reclamações, a competição e a autodefesa. Deste modo tornam-se incapazes de se apoiarem um ao outro para o amadurecimento de ambos e para o crescimento da união. Aos novos cônjuges, é necessário apresentar isto com clareza realista desde o início, de modo que tomem consciência de que estão apenas a começar” (*Amoris laetitia*, 218).

⁸² Cf. *Amoris laetitia*, 221.

⁸³ Cf. *Amoris laetitia*, 106; 163; 210; 232-234; 240.

⁸⁴ “O caminho implica passar por diferentes etapas, que convidam a doar-se com generosidade: do impacto inicial caracterizado por uma atracção decididamente sensível, passa-se à necessidade do outro sentido como parte da vida própria. Daqui passa-se ao gosto da pertença mútua, seguido pela compreensão da vida inteira como um projeto de ambos, pela capacidade de colocar a felicidade do outro acima das necessidades próprias, e pela alegria de ver o próprio matrimônio como um bem para a sociedade” (*Amoris laetitia*, 220).

⁸⁵ “O amadurecimento do amor implica também aprender a ‘nego-

tumes quotidianos sadios;⁸⁶ estabelecer desde o início uma relação saudável com as famílias de origem⁸⁷ começar a cultivar uma espiritualidade conjugal partilhada,⁸⁸ e muito mais. Entre as várias propostas, pode-se sugerir aos esposos que tenham um “Diário de casamento”, para fazer uma espécie de verificação periódica da comunhão conjugal, onde se podem anotar as alegrias e dores e tudo o que faz parte da vivência concreta da vida dos esposos. Uma espécie de “sagrada escritura”, para depositar na memória cada momento significativo da vida que for tocado pela graça do Espírito Santo e que pode se tornar um meio de transmissão da fé em família: um “memorial” da graça do Espírito Santo que age na família.

79. Muitos são os aspectos da vida conjugal e familiar que podem se tornar objeto de diálogo e catequese nesses anos. É fundamental, por exemplo, esclarecer os casais sobre o tema delicado da sexualidade dentro do casamento⁸⁹ e sobre os temas ligados a ele, nomeadamente a transmissão da vida e a regulação dos nascimentos, e sobre

ciar’. Não se trata duma atitude interesseira nem dum jogo de tipo comercial, mas, em última análise, dum exercício do amor recíproco, já que esta negociação é um entrelaçado de recíprocas ofertas e renúncias para o bem da família. Em cada nova etapa da vida matrimonial, é preciso sentar-se e negociar novamente os acordos, de modo que não haja vencedores nem vencidos, mas ganhem ambos” (*Amoris laetitia*, 220).

⁸⁶ Aos casais jovens, deve-se animar também a criar os seus próprios hábitos, que proporcionem uma salutar sensação de estabilidade e proteção e que se constroem com uma série de rituais diários compartilhados. É bom dar-se sempre um beijo pela manhã, benzer-se todas as noites, esperar pelo outro e recebê-lo à chegada, ter alguma saída juntos, compartilhar as tarefas domésticas” (*Amoris laetitia*, 226).

⁸⁷ Cf. *Amoris laetitia*, 17-18.

⁸⁸ Cf. *Amoris laetitia*, 313ss.

⁸⁹ Cf. *Amoris laetitia*, 150-157.

outras questões morais e de bioética.⁹⁰ Outra área que não se deve negligenciar é a da educação humana e cristã dos filhos, que constitui uma grave responsabilidade dos pais e para a qual os casais devem ser sensibilizados e formados adequadamente, dada a tendência, cada vez mais comum, de se dividir sobre este tema, ou a não se ocupar da educação dos filhos, delegando-a a outrem.⁹¹ Em referência a esses temas, o magistério da Igreja põe à disposição dos esposos um tesouro de sabedoria que, quando lhes é bem apresentado, é muito apreciado e acolhido pelos casais.

80. Trata-se, pois, de uma fase de “aprendizagem”, durante a qual a proximidade e as sugestões concretas de casais de esposos mais maduros que partilhem com os mais jovens aquilo que aprenderam “pelo caminho”, serão de grande ajuda⁹²

A disponibilidade dos avós a cuidarem dos netos é um grande recurso. Isso permite aos esposos terem tempo de estar juntos. Às vezes, porém, não é possível, obrigando os esposos a encontrarem soluções alternativas. Estes exemplos de generosidade e ajuda aos jovens esposos são sinais maravilhosos de caridade.

81. A pastoral matrimonial será principalmente uma pastoral da relação:⁹³ deve ajudar os casais, todas as ve-

⁹⁰ Cf. *Amoris laetitia*, 80-83.

⁹¹ Cf. *Amoris laetitia*, 84-85; Francisco, *Audiência geral*, 20 de maio de 2015.

⁹² “Os esposos que têm uma boa experiência de ‘treino’ nesta linha, podem oferecer os instrumentos práticos que lhes foram úteis: a programação dos momentos para estar juntos sem nada exigir, os tempos de recreação com os filhos, as várias maneiras de celebrar coisas importantes, os espaços de espiritualidade partilhada. Mas podem também ensinar recursos que ajudam a encher de conteúdo e sentido tais momentos, para se aprender a comunicar melhor” (*Amoris laetitia*, 225).

⁹³ Cf. *Amoris laetitia*, 211.

zes em que se encontrarem diante de novas dificuldades, a terem uma atenção, acima de tudo, com a defesa e a consolidação da união matrimonial, para o bem deles mesmos e dos seus filhos. É necessário, nos encontros que lhes são propostos, insistir na sacramentalidade do vínculo conjugal e, como demonstra a experiência, no fato de que os bens – psicológicos, materiais e espirituais – que derivam da preservação da união são sempre muito superiores aos que se espera obter de uma eventual separação. Dessa forma, serão ensinadas a justa paciência, a fortaleza e a prudência que se deve ter nos momentos de dificuldade, aprendendo a não ver no desmanchar do vínculo conjugal uma solução apressada dos problemas, como, infelizmente, aconselham os casais a fazerem.

Aprendendo a superar os momentos difíceis, amadurece-se o amor, e a união sai reforçada: cada crise é um momento de crescimento e uma ocasião para dar um “salto de qualidade” na relação, chamada a uma nova profundidade e autenticidade.⁹⁴ Assim como na vida cristã “se treina” para o “combate da fé” (1Tm 6, 12), assim também na vida conjugal os esposos devem treinar para “defender” o seu casamento de todas as ameaças interiores e exteriores, humanas e espirituais, sociais e culturais, que podem comprometer a solidez e a própria subsistência do casamento. É importante reiterar que a ajuda que se pretende oferecer deve incluir o acompanhamento espiritual, percursos práticos, estratégias derivadas da experiência e orientação psicológica. Será útil também indicar aos casais lugares e

⁹⁴ “É preciso ajudar a descobrir que uma crise superada não leva a uma relação menos intensa, mas a melhorar, sedimentar e maturar o vinho da união. [...] Quando se assume o matrimônio como uma tarefa que implica também superar obstáculos, cada crise é sentida como uma ocasião para chegar a beber, juntos, o vinho melhor” (*Amoris laetitia*, 232).

pessoas, centros de aconselhamento ou famílias prontas a ajudar, aonde poderão dirigir-se em busca de ajuda se surgirem dificuldades.

82. É essencial focalizar o percurso de casal no encontro com Cristo: o casal necessita de encontrar-se continuamente com Cristo e nutrir-se da sua presença. Os recém-casados devem perceber, em particular, a oportunidade extraordinária que lhes é oferecida no sacramento da Eucaristia e no sacramento da Reconciliação de terem um contato vivo com Jesus para conformar-se a Ele.⁹⁵ Com efeito, é da Eucaristia que os esposos recebem a graça de superar os seus próprios fechamentos e egoísmo.⁹⁶ No sacramento da Reconciliação, experimentamos a riqueza infinita da misericórdia de Deus, que, no seu Filho, sempre nos perdoa; assim, aprendem a usar de paciência e misericórdia entre eles, porque o perdão recebido torna-se perdão doado, conforme os ensinamentos de Jesus: “Não devias, também tu, ter compaixão do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?” (Mt 18, 33).⁹⁷ No encontro com Cristo através dos sacramentos,

⁹⁵ “A espiritualidade esposal [...] deverá, portanto, incluir uma recuperação dos dinamismos sacramentais com um papel particular dos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia. O sacramento da Reconciliação glorifica a misericórdia divina para com a miséria humana, faz crescer a vitalidade baptismal e os dinamismos próprios da Confirmação. Daqui o poder da pedagogia do amor redimido que faz descobrir com assombro a grandeza da misericórdia de Deus diante do drama do ser humano, criado por Deus e mais maravilhosamente remido. A Eucaristia, celebrando a memória da doação de Cristo à Igreja, desenvolve o amor afetivo próprio do matrimônio na doação quotidiana ao cônjuge e aos filhos, sem esquecer e deixar de atender a que ‘a celebração que dá significado a qualquer forma de oração e de culto é a que se exprime na existência quotidiana da família, quando esta é uma existência feita de amor e doação’ (EV 93).” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Preparação para o sacramento do Matrimônio*, 41).

⁹⁶ Cf. *Amoris laetitia*, 186; 318.

⁹⁷ Cf. *Amoris laetitia*, 105-108.

vai-se amadurecendo, pouco a pouco, a *identidade esposal* específica dos cônjuges cristãos.

83. O cuidado constante e permanente da Igreja para com os esposos pode ser realizado por vários meios pastorais:⁹⁸ a escuta da Palavra de Deus, especialmente através da *lectio divina*; encontros de reflexão sobre questões atuais relativos à vida conjugal; o envolvimento dos casais nas celebrações litúrgicas especialmente pensadas para eles; retiros pessoais periódicos para esposos; adorações eucarísticas organizadas para esposos com meditações tiradas, por exemplo, de biografias de casais santos; direção e acompanhamento espiritual; participação em grupos familiares para desenvolver a relação com outras famílias; o envolvimento em atividades caritativas e missionárias.⁹⁹ Os esposos precisam desenvolver uma verdadeira “espiritualidade conjugal” que alimente e apoie o caminho de santidade que percorrem na vida matrimonial.¹⁰⁰

Entre as ferramentas pastorais a privilegiar, consta a celebração do aniversário de casamento no âmbito de uma celebração litúrgica comunitária com uma bênção especial para os esposos. Por ocasião dos aniversários mais importantes (por exemplo, a cada cinco anos), pode-se propor que os esposos que celebram as bodas naquele ano renovem as promessas matrimoniais. Deste modo e de outros, pode-se ajudar a família a sentir-se parte integrante de uma comunidade eclesial que celebra e partilha a alegria e o caminho dos esposos, fazendo-se “família de famílias”.¹⁰¹

⁹⁸ Cf. *Amoris laetitia*, 227-229.

⁹⁹ Cf. FRANCISCO, *Discurso por ocasião da Inauguração do Ano Judiciário do Tribunal da Rota Romana*, 29 de janeiro de 2019.

¹⁰⁰ Cf. *Amoris laetitia*, 313-324; *Gaudete et exsultate*, 14-34.

¹⁰¹ Cf. *Amoris laetitia*, 87.

84. Desenvolvendo-se a identidade esponsal, poderá crescer o senso da missão que brota do sacramento.¹⁰² Nesse momento, portanto, visto que o itinerário catecumenal para a vida matrimonial chega ao seu fim, é oportuno convidar os casais a se inserirem na pastoral familiar ordinária das suas paróquias ou em outras realidades eclesiais com as quais tenham estabelecido algum laço. Os recém-casados poderão, por exemplo, ser gradualmente inseridos na preparação catecumenal para o matrimônio de novos casais de namorados e na vida comunitária, na pastoral da infância e da juventude, assumindo papéis particulares na animação da comunidade. Poderão formar-se grupos de espiritualidade conjugal (inclusive com a ajuda de movimentos familiares) e de pastoral matrimonial.

85. Em resumo, as finalidades do acompanhamento nos primeiros anos de vida matrimonial são: a) apresentar, numa “catequese mistagógica matrimonial”, as consequências espirituais e existenciais do sacramento celebrado na vida concreta; b) ajudar os casais, desde o princípio, a estabelecer de modo correto a relação interpessoal de casados; c) aprofundar os temas da sexualidade na vida conjugal, da transmissão da vida e da educação dos filhos; d) infundir nos casais a firme vontade de defender o vínculo matrimonial em qualquer situação que se apresentar; e) propor o encontro com Cristo como fonte indispensável de renovação da graça matrimonial e adquirir uma espiritualidade conjugal; f) chamar a atenção para o sentido da missão específica dos esposos cristãos.

86. Como corolário dessa proposta, não se pode deixar de mencionar a urgência de uma formação adequada dos

¹⁰² Cf. *Amoris laetitia*, 88; 324.

presbíteros, seminaristas e leigos (incluindo os casais de esposos) para o ministério do acompanhamento dos jovens para o matrimônio. Abordar sistematicamente a formação e atualização dos sacerdotes/religiosos e dos operadores pastorais com vista ao catecumenato matrimonial é indispensável para superar antigos hábitos e capacitar num estilo de acompanhamento, bem como no conhecimento de conteúdos (teológicos, morais, bioéticos e espirituais) adequados à realidade dos casais de hoje, que muitas vezes já moram juntos e têm filhos quando se aproximam da Igreja para casar-se. Em muitos contextos pastorais, em particular, é indispensável uma formação dos seminaristas e dos presbíteros mais centrada nos novos desafios da pastoral matrimonial e familiar, incluindo as questões relativas à moral sexual, conjugal e à bioética, que já fazem parte da vida quotidiana das famílias em muitas partes do mundo. Para uma participação efetiva e eficaz dos esposos como agentes da pastoral, é indispensável a compreensão do laço de complementariedade e corresponsabilidade eclesial que existe entre *ordo sacerdotalis* e *ordo coniugatorum*, para abrir a ação dos sacerdotes a uma maior colaboração com os leigos e as famílias, reconhecendo a estes papéis pastorais significativos nas paróquias e nas dioceses. Geralmente, o que falta em muitas realidades locais é exatamente a possibilidade, para os esposos, de terem espaços para agir na pastoral, como esposos. Com efeito, é indubitável que, para exprimir o caráter missionário da pastoral do matrimônio, ao lado do acompanhamento específico dos pastores, é necessário o testemunho das famílias e dos esposos: nesse sentido, não é bom separar *ecclesia docens* e *ecclesia discens*, justamente por conta da rica e concreta experiência da vida conjugal e familiar que os esposos possuem.

Acompanhar os casais “em crise”

87. Na história de cada casamento, pode acontecer momentos em que a comunhão conjugal diminui, e os esposos encontram-se em períodos, por vezes longos, de sofrimento, cansaço e incompreensão, passando por verdadeiras “crises” conjugais. Fazem parte da história das famílias: são fases que, se superadas, podem ajudar o casal a “ser feliz de maneira nova, a partir das possibilidades que abre uma nova etapa”, maturando ainda mais “o vinho da união”.¹⁰³

Todavia, para evitar que a situação de crise se agrave ao ponto de se tornar irrecuperável, é aconselhável que a paróquia ou a comunidade disponham de um serviço pastoral de acompanhamento de casais em crise, ao qual possam recorrer aqueles que perceberem que estão nesta situação particular; revela-se “particularmente urgente um ministério dedicado àqueles cuja relação matrimonial se rompeu”.¹⁰⁴ A prevenção das rupturas é hoje um fator decisivo para evitar separações, que podem deteriorar e danificar irremediavelmente o vínculo.

88. A experiência demonstra que “em situações difíceis ou críticas, a maioria [das pessoas] não recorre ao acompanhamento pastoral, porque não o sente compreensivo, próximo, realista, encarnado”.¹⁰⁵ Assim sendo, convém que – além do pastor – sejam cônjuges, especialmente os que viveram uma experiência de crise superada, a tornarem-se “acompanhadores” dos casais em dificuldades ou já di-

¹⁰³ Cf. *Amoris laetitia*, 232. Sobre os desafios das crises conjugais, cf. n. 232-240.

¹⁰⁴ *Amoris laetitia*, 238.

¹⁰⁵ *Amoris laetitia*, 234.

vididos. Eles serão a “comunidade que acompanha”, que pode dar testemunho e manifestar que o Bom Samaritano é Cristo Ressuscitado, que conserva as chagas no seu corpo glorioso e precisamente por isso sente compaixão por aquele homem ferido, abandonado ao longo do caminho:¹⁰⁶ os casais em dificuldade.

89. Para tanto, torna-se urgente pôr em prática projetos de formação destinados aos casais que vão acompanhar tanto aqueles que estão em crise como os separados, para criar as condições de um serviço pastoral à altura das necessidades das famílias. A atenção deve ser dupla: para com os cônjuges em dificuldade, mas também para com os filhos, se presentes, que devem ser acompanhados com um diálogo psicológico e intelectual capaz de captar a sua aflição pessoal e familiar e de os apoiar.

Neste contexto, volta-se a insistir na importância da pastoral do vínculo que, desde os primeiros anos da vida matrimonial, deve acompanhar os jovens esposos nas diversas etapas da sua vida conjunta. As crises, de fato, são parte do caminho, devem transformar-se em oportunidade, por vezes dolorosas, que mesmo produzindo chagas e feridas no coração e na carne, deixam espaço para a reconciliação, para o perdão e para a ação da graça, que continua a operar no vínculo sacramental.

90. Há crises comuns, que acontecem em todos os casamentos, que marcam algumas etapas da vida familiar (a chegada do primeiro filho, o “ninho vazio”, a velhice dos pais); mas há também crises pessoais, ligadas às dificuldades econômicas, profissionais, afetivas, sociais, espirituais, ou a circunstâncias e eventos traumáticos e in-

¹⁰⁶ Cf. FRANCISCO, *Audiência aos membros da Associação “Retrouvaille”*, 6 de novembro de 2021.

esperados.¹⁰⁷ Em qualquer dos casos, “a fadigosa arte da reconciliação, que requer o apoio da graça, precisa da generosa colaboração de parentes e amigos, e, eventualmente, até duma ajuda externa e profissional”.¹⁰⁸ Trata-se de garantir um acompanhamento que não seja só psicológico, mas também espiritual, para recuperar, com um gradativo percurso mistagógico personalizado e com os sacramentos, o significado profundo do vínculo e a consciência da presença de Cristo entre os esposos. Fazer silêncio no coração, invocar o nome de Jesus Cristo e colocar-se à escuta da Sua voz pode ajudá-los a criar as condições para que Ele possa alimentar a relação do casal, socorrê-los na dificuldade, parar para beber com eles do cálice do sofrimento, ficando ao lado deles como o viajante ao lado dos discípulos de Emaús (cf. *Lc 24, 13*).

Em prática, trata-se de criar espaços e percursos capazes de introduzir as pessoas na arte do discernimento na vida quotidiana, a fim de saber reconhecer a tempo as situações de sofrimento, as ocasiões de perigo a evitar, as imaturidades e as feridas a superar. A exortação que pode ressoar nos corações afadigados é “permaneçei no meu amor” (*Jo 15, 9*).

91. Sugerimos, a título de exemplo, uma possível aplicação prática dos princípios expostos, propondo um itinerário para casais em crise, inspirado no caminho de Jesus com os discípulos de Emaús (cf. *Lc 24, 13.35*). Depois de ter apresentado convenientemente à comunidade paroquial o serviço, se um casal faz o pedido e aceita a proposta de um percurso comum de acompanhamento, pode-se tentar alternar encontros “individuais” (com o casal sozinho) e en-

¹⁰⁷ *Amoris laetitia*, 235-236.

¹⁰⁸ *Amoris laetitia*, 236.

contros “em grupo” (reunindo vários casais). Em síntese, o percurso poderia seguir o percurso seguinte:

- “O próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles” (Lc 24, 15) – Primeiro encontro “individual” de acolhimento e conhecimento.

Convém que o primeiro encontro acontece num contexto de confidencialidade e de proximidade pessoal, logo limitado a um único casal, que é acolhido e ouvido por um casal de acompanhadores e pelo sacerdote, capazes de demonstrar empatia, afeto e plena disposição para o apoio. A este primeiro encontro só de “escuta”, seguirão outros, que darão início ao percurso de acompanhamento propriamente dito.

- “Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?” (Lc 24, 17) – Alguns encontros (“individuais”) para os esposos poderem dizer a Deus e ao cônjuge o porquê do seu “rosto sombrio” (Lc 24, 17).

Todos os encontros ocorrem sempre num clima de oração, visto tratar-se de um caminho espiritual e não de sessões de “terapia de casal” puramente psicológicas. O casal, assim, colocando-se na presença de Deus, será guiado a “abrir o coração”, de modo que ambos conheçam “o que faz sofrer o outro”. Os acompanhadores orientarão essa “abertura do coração” de modo a não a limitar simplesmente a uma troca de acusações. As perguntas que devem responder, portanto, não serão “quais são os teus erros?”, “o que deves mudar?”, etc., mas sim: “qual é o sofrimento que trago dentro de mim?”, “que incômodo sinto?”, “o que me fere no modo como estamos vivendo a nossa relação?” Não é raro que, nos casais, falte uma comunicação e um diálogo que sejam capazes de dar a conhecer o estado de espírito e o ponto de vista do outro.

- “Lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?” (Lc 24, 25-26) – Encontros (“coletivo”) com vários casais para “iluminar” as crises.

Aos encontros individuais, com cada casal, podem seguir-se encontros de grupo, durante os quais um dos casais acompanhadores poderá contar a sua própria experiência e as crises vividas, colocando em relevo as “coisas novas” aprendidas nos momentos de dificuldade e provação do casamento. Pode haver uma breve pregação com uma leitura e um comentário de excertos convenientemente escolhidos da *Amoris laetitia*, ou trechos dos escritos de esposos santos que superaram duros momentos de provação conjugal. O objetivo é destacar que as “crises”, quando aceites, compreendidas e vividas em conjunto e enfrentadas com a ajuda do Senhor, podem revelar-se momentos de graça e crescimento para o casal. As crises, em fins de contas, não são “anomalias”, mas eventos “normais” da vida matrimonial. Até mesmo aquelas causadas por fragilidades e pecados pessoais. Mesmo estas podem transformar-se nesses “sofrimentos de Cristo”, presente entre os esposos, que é ferido pelo seu pecado e sofre com eles, entrando com elas na glória (cf. Lc 24, 26) de uma relação curada e “redimida”. Nestes encontros, como já foi dito no itinerário catecumenal para o matrimônio, não deve faltar um anúncio *kerigmático*: o Senhor está presente e vivo! Junto dEle, mesmo a “morte” de uma crise pode transformar-se em ressurreição para uma vida nova!

- “E, começando por Moisés e percorrendo todos os profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito” (Lc 24, 27) – Encontros (“de grupo”) tendo ao centro a Sagrada Escritura.

Aos encontros precedentes, de “catequese”, podem suceder outros encontros de grupo nos quais se celebra jun-

tos uma Liturgia da Palavra: proclama-se uma passagem bíblica, seguida por um tempo de meditação e de partilha, guiado por algumas perguntas, concluindo-se com uma reflexão final proposta pelos acompanhadores. Deve-se ter o cuidado de escolher textos bíblicos que falem de temas como: a proximidade de Deus durante as provações, o perdão recebido de Deus e depois dado, a graça que age na fraqueza, a comunhão dos corações como fruto do Espírito Santo, a chamada à santidade, o sacramento do Matrimônio, etc.

- “Permanece conosco, pois cai a tarde” (Lc 24, 29) – Adoração eucarística e sacramento da Reconciliação

Pode-se propor aos casais que estão no percurso uma “vigília eucarística” (ou mesmo mais de uma). Depois dos vários encontros que iluminaram as várias crises que enfrentamos, não é raro que nos descubramos incapazes de superá-los. As dificuldades parecem superiores às nossas forças. Este pode ser o momento de trazer a nossa crise à presença do Senhor, presente no Ssmo. Sacramento e “apresentá-la” e “depositá-la” aos pés dele, para que Ele cuide das feridas e cure os corações. Esta apresentação da crise ao Senhor pode ser vivida através de um gesto concreto feito pelo casal diante do Santíssimo (colocando um objeto, um símbolo), dentro de um simples momento litúrgico. Outra maneira de fazer os casais viverem uma experiência com o Senhor que “permanece conosco” é uma celebração penitencial. É de suma importância, nos momentos de crise, aproximar-se do sacramento da Reconciliação. Nada ajuda mais a curar as feridas e perdoar os cônjuges do que o perdão recebido pelo Senhor. O sacramento infunde na alma graças particulares de reconciliação: reconciliação com Deus, consigo próprio e com o próprio passado, e com o próximo. Tudo isso ajuda a curar as divisões e o afastamen-

to “interior” entre esposos com o bálsamo da reconciliação e do perdão.

- “Tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles” (Lc 24, 30) – Celebração eucarística.

Pode-se propor aos casais uma ou mais celebrações eucarísticas para ajudar a fazer uma experiência de Jesus vivo e presente em meio à crise. É ele que se faz a cada vez “pão rompido por nós”, que viveu o sofrimento da rejeição e da incompreensão, transformando-as em ocasião de amor e de doação para todos. Esta é uma graça que os casais também podem receber: não permanecer fechados no seu próprio sofrimento, mas transformá-lo em ocasião de crescer no amor e de renovar a doação recíproca.

- “Então seus olhos se abriram e o reconheceram. [...] Levantaram-se e voltaram para Jerusalém” (Lc 24, 31,33) – A conclusão do percurso.

Pode-se também propor aos casais momentos de lazer e de festas juntos. Mesmo nas crises, nunca se deve perder a esperança e abandonar-se a uma visão negativa da vida. A descoberta da presença dos irmãos na fé que estão ao nosso lado e que nos apoiam é um dos principais fatores que podem reacender a confiança e a alegria no coração.

Os encontros conclusivos do percurso podem ajudar os casais a “voltarem a Jerusalém”, ou seja, continuarem na vida matrimonial com uma nova sabedoria adquirida através da crise, fazendo frutificar o que se aprendeu e fazendo-se também testemunhas, para outros casais, daquilo que viveram e do encontro que tiveram com Jesus vivo.

Não se trata, por certo, de uma despedida definitiva. A vida sempre apresenta novos desafios, e as crises podem não ter sido totalmente superadas. É bom, pois, que os acompanhadores assegurem os casais da sua contínua disponibilidade a acolhê-los, escutá-los e apoiá-los mesmo

no futuro. Caso tenha sido possível criar um clima de confiança, os casais poderiam continuar a ter alguém a quem se dirigir em caso de necessidade. Os acompanhadores devem fazer os casais sentirem que a Igreja está sempre ali para eles, como uma mãe está sempre pronta a acolher os seus filhos. Convém repetir que, durante toda a duração do percurso, além dos encontros de grupo, pode ser necessário continuar a realizar encontros individuais com cada casa. Embora seja de grande ajuda e incentivo escutar a experiência dos outros – como é o caso dos momentos de partilha – outras vezes os casais podem sentir a necessidade de um diálogo mais pessoal e mais reservado para se sentir livre de falar das suas dificuldades.

92. O modelo proposto até aqui é somente um exemplo para mostrar que este percurso de acompanhamento dos casais em crise pode seguir os passos do itinerário catecumenal de preparação ao matrimônio exposto anteriormente. Mesmo neste caso, a metodologia não se deve limitar a propor “palestras” e a transmitir noções, mas deve tornar possível uma experiência de proximidade humana e espiritual, com o envolvimento da comunidade cristã, alternando momentos de aprofundamento da fé e momentos de encontro, oração, escuta, partilha, com gestos rituais, celebração dos sacramentos, marcado por etapas progressivas de crescimento, convidando ao discernimento, fazendo um anúncio *kerigmático*, etc. Cada Igreja local pode, pois, elaborar o seu próprio percurso, com a sua própria forma de proceder ou inspirando-se em outros “modelos bíblicos”, diferente daquele aqui proposto, tais como: o encontro do samaritano com o homem ferido (*Lc 10, 25-37*), o filho perdido que retorna ao pai (*Lc 15, 11-32*), o vinho que se tinha acabado mas que é dado em abundância nas bodas de Caná (*Jo 2, 1-12*), o encontro da samaritana com

Jesus e a descoberta da água nova que sacia toda a sede (Jo 4, 1-43), etc.

93. Apesar de todo o apoio que a Igreja pode oferecer aos casais em crise, há ainda situações em que a situação é inevitável. “Por vezes, pode tornar-se até moralmente necessária, quando se trata de defender o cônjuge mais frágil, ou os filhos pequenos, das feridas mais graves causadas pela prepotência e a violência, pela humilhação e a exploração, pela alienação e a indiferença”. Mas “deve ser considerado um remédio extremo, depois que se tenham demonstrado vãs todas as tentativas razoáveis”.¹⁰⁹

Nestes casos, “é indispensável um discernimento particular para acompanhar pastoralmente os separados, os divorciados, os abandonados. Tem-se de acolher e valorizar sobretudo a angústia daqueles que sofreram injustamente a separação, o divórcio ou o abandono, ou então foram obrigados, pelos maus-tratos do cônjuge, a romper a convivência. Não é fácil o perdão pela injustiça sofrida, mas constitui um caminho que a graça torna possível. Daí a necessidade duma pastoral da reconciliação e da mediação, inclusive através de centros de escuta especializados que se devem estabelecer nas dioceses”.¹¹⁰

94. Ao mesmo tempo, “as pessoas divorciadas que não voltaram a casar (que são muitas vezes testemunhas da fidelidade matrimonial) devem ser encorajadas a encontrar na Eucaristia o alimento que as sustente no seu estado. A comunidade local e os pastores devem acompanhar estas pessoas com solicitude, sobretudo quando há filhos”.¹¹¹ Poucos são os lugares onde se dá a eles a devida atenção

¹⁰⁹ *Amoris laetitia*, 241.

¹¹⁰ *Amoris laetitia*, 242.

¹¹¹ *Ibid.*

pastoral. A sua situação particular, alimentada pelo dom da fidelidade ao sacramento do Matrimônio, por outro lado, pode servir de testemunho e de exemplo para os jovens casais, mas também para os sacerdotes, que podem descobrir e “ver”, na vida dessas pessoas, a presença constante de Cristo Esposo, fiel mesmo na solidão e no abandono: uma solidão “habitada”, marcada pela intimidade com o Senhor e pelo laço com a Igreja e com a comunidade, que se faz presente e acompanha a estrada. A dimensão nupcial das duas vocações – Ordem e Matrimônio – manifesta-se nestes casos, mais uma vez, em toda a sua beleza e complementariedade. Nesse sentido, e necessário também descobrir, dentro da Igreja, o protagonismo pastoral dos fiéis separados, que podem desempenhar papéis significativos na comunidade e ser, por sua vez, auxílio para outros.

CONCLUSÃO

As “orientações pastorais” aqui propostas, mesmo na consciência de não serem exaustivas, pretendem ser uma ajuda e um estímulo para as dioceses/eparquias e paróquias elaborarem os seus próprios “itinerários catecumenais de vida matrimonial”, conforme o indicado pelo Papa Francisco. É útil, pois, para concluir, chamar a atenção para algumas linhas pastorais que inspiraram a redação deste documento e que deveriam ser também a base dos documentos de aplicação similares a serem elaborados pelas Igrejas particulares.

Na origem deste documento existe, antes de tudo, o desejo de oferecer aos casais uma preparação melhor e mais profunda para o matrimônio, através de um itinerário, inspirado pelo catecumenato batismal, suficientemente amplo, que permita receber uma formação adequada para a vida conjugal cristã a partir de uma experiência de fé e de encontro de Jesus. Este percurso não se limita a poucos encontros às vésperas da celebração, mas deve fazê-los perceber o caráter quase “permanente” da pastoral da vida conjugal que a Igreja intenta pôr em prática.

Na tarefa de acompanhamento dos casais, toda a comunidade eclesial deve-se envolver, num caminho partilhado entre sacerdotes, esposos cristãos e agentes pastorais, um caminho que tenha por protagonistas principalmente casais de esposos – diferentes por idade e por tempo de casamento – que ponham a sua experiência a serviço daqueles que tomarão parte no itinerário catecumenal. É necessário, para tanto, um trabalho de formação e atualização, dirigido a todos, mas de maneira especial aos presbíteros, para que se perceba a indispensável complementariedade e cor-

responsabilidade entre leigos e sacerdotes/religiosos no serviço da pastoral familiar.

Um itinerário matrimonial de tipo catecumenal deve ser considerado como uma “ferramenta pastoral” a utilizar com discernimento, sabedoria e bom senso, de modo a poder adaptá-lo com flexibilidade – quanto aos modos e tempos de implementação – às situações concretas dos casais que se tem à frente, e segundo as possibilidades concretas dos agentes pastorais da Igreja local.

O itinerário não se limita à comunicação de conteúdos doutrinários, e pretende ir além do esquema clássico do “curso de noivos”. Para tanto, não faz uso somente do método das catequeses e pregações, mas também do diálogo com os casais, dos encontros individualizados, de momentos litúrgicos ‘de oração e de celebração dos sacramentos, dos ritos, do diálogo entre os próprios casais que seguem o itinerário, da intervenção de especialistas externos, dos retiros, das interações com toda a comunidade eclesial que apoia e participa no longo processo de preparação dos casais.

O itinerário guarda sempre, em todo o seu decorrer, um caráter *kerigmático*. Em quase toda nova fase retorna-se, como em “ondas sucessivas”, ao primeiro anúncio da fé, e apresenta-se o próprio sacramento do Matrimônio como “boa notícia”, isto é, como dom de Deus para os casais que desejam viver plenamente o seu amor.

Em todas as fases do itinerário, o caminho de crescimento humano (formação de uma personalidade sólida e equilibrada; superação da imaturidade, dos fechamentos e dos medos; dinâmicas relacionais gerais e de casal; capacidade de comunicação e diálogo, etc.) e o caminho de crescimento espiritual (acolhimento do amor de Deus, conversão pessoal e superação dos limites morais, vida de

oração, compreensão da dimensão comunitária e eclesial constitutiva da fé, frequência dos sacramentos, etc.) vão sempre juntos.

O itinerário catecumenal para jovens e casais quer-se inserir na realidade concreta atual e não tem medo de enfrentar argumentos e questões que representem desafios sociais e culturais: a educação para o amor autêntico que não se limita a frágeis experiências emotivas, o reconhecimento da riqueza e da complementariedade do masculino e do feminino, a educação para a afetividade e a sexualidade, o valor das escolhas definitivas, o valor humano, espiritual e social da família, as questões bioéticas, etc. Desta forma, colabora com a formação da consciência moral pessoal e com a formulação de um projeto de vida familiar.

As etapas de crescimento que o itinerário propõe são marcadas por rituais – sempre que, por razões culturais, não for considerado inconveniente ou problemático propô-los por conta da interpretação equívoca que se poderia dar a estes rituais – que acompanham o caminho percorrido e que dão a consciência psicológica de se encontrar num ponto-chave a cada vez que chama a dar um novo passo adiante, tanto no plano da maturidade humana e espiritual quanto no plano das decisões, em vista da meta da vida matrimonial cristã.

O itinerário está articulado em três grandes fases: a da preparação remota, que abrange a pastoral da infância e a da juventude, uma fase intermediária, de acolhimento, e a fase catecumenal propriamente dita, que prevê, por sua vez, três etapas distintas. Uma primeira etapa de preparação próxima, mais longa, de duração variável; uma segunda etapa de preparação imediata, mais breve, e uma terceira etapa de acompanhamento dos casais nos primeiros anos da vida matrimonial, que termina com a in-

serção do casal na pastoral familiar ordinária da paróquia e da diocese/eparquia.

O itinerário pretende unir, desde a infância, a descoberta da fé cristã e a iniciação aos sacramentos com a descoberta da vocação matrimonial ou sacerdotal e religiosa.

Todavia, a presença, hoje tão difusa, de casais que vivem juntos, têm filhos e pedem para se casar na Igreja requer a elaboração, paralelamente à pastoral vocacional que aqui se propõe, de percursos locais centrados na realidade concreta desses casais, que sem dúvida necessitam de um cuidado e de uma atenção especiais com relação aos outros casais de namorados que de certa forma já têm uma experiência de vida cristã.

Partindo da experiência de um acompanhamento pastoral personalizado e fundado principalmente no testemunho dos acompanhadores e de outros casais de esposos envolvidos no percurso, em cada caso, deseja-se conduzir a um sério discernimento pessoal e de casal, de modo que a celebração do matrimônio e a vida conjugal sejam fruto de uma decisão consciente, livre e abraçada com alegria, e não simplesmente um passivo conformar-se a uma tradição cultural ou formalidade social.

O itinerário, ao mesmo tempo que prepara os casais para o sacramento do Matrimônio, inicia-os à vida eclesial e ajuda-os a encontrar na Igreja o lugar onde podem alimentar, sobretudo através dos sacramentos, o laço matrimonial, e onde podem continuar a crescer pela vida toda na vocação e no serviço aos outros, chegando, assim, a desenvolver plenamente a sua identidade esposal e a sua missão eclesial.

Uma atenção particular deve ser reservada ao acompanhamento dos casais de cônjuges em crise. Com efeito, é urgente a necessidade de estabelecer, em cada realidade

local, um serviço pastoral dedicado àqueles cuja relação matrimonial se rompeu ou está em séria dificuldade, mesmo com o apoio de uma pastoral da reconciliação e da mediação para salvaguardar o vínculo e prevenir, sempre que possível, as separações.

Apesar de a façanha de dar início a um percurso formativo de tão longa duração parecer irrealizável, exortamos as Igrejas particulares a terem coragem e adotarem justa atitude de fé, sabendo que, assim como nos ensinou Jesus, as obras do Reino iniciam sempre como um pequeno grão de mostarda, mas com o tempo torna-se uma planta grande como uma árvore, e pode oferecer abrigo e proteção aos que destes precisarem. Colocando à disposição das novas gerações percursos de crescimento de tipo catecumenal em vista do matrimônio, responde-se a uma das necessidades mais urgentes da Igreja de hoje, a saber, a necessidade de acompanhar os jovens até a plena realização daquilo que continua a ser um dos seus maiores “sonhos” e um dos objetivos principais que pretendem alcançar na vida: estabelecer uma sólida relação com a pessoa amada e construir sobre esta uma família.

Confiemos esta obra à intercessão de São José, Esposo da Virgem e Pai adotivo do Redentor, e a Maria Santíssima, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja, para que infundam em nós amor por todas as famílias do mundo e zelo inextinguível para trabalhar ao seu serviço.

ÍNDICE

Prefácio do Santo Padre Francisco	7
A proposta do Santo Padre Francisco de um “catecumenato matrimonial”	11
I. INDICAÇÕES GERAIS	
Por que um catecumenato	15
A quem cabe essa tarefa.	17
Para uma renovada pastoral da vida conjugal	21
II. UMA PROPOSTA CONCRETA	
Modalidade	26
Fases e etapas	30
Dois esclarecimentos	31
A. <i>Fase pré-catecumenal: preparação remota</i>	32
B. <i>Fase intermediária: acolhimento dos candidatos</i>	39
C. <i>Fase catecumenal</i>	48
Primeira etapa: preparação próxima	49
Segunda etapa: preparação imediata	61
Terceira etapa: acompanhar os primeiros anos de vida matrimonial	69
Acompanhar os casais em crise	82
Conclusão.	93

